

POSTER/CALENDÁRIO
UMA CORINTHIANA COMO
VOCÊ NUNCA VIU

CORINTHIANS

ABRIL/1979
Cr\$ 30,00
AS MAIORES
TORCIDAS
DO BRASIL

PLACAR

GRÁTIS

22 ESCUDOS
ADESIVOS
COLORIDOS

- DE NECO A SÓCRATES,
- OS ÍDOLOS DO TIMÃO
- A HISTÓRIA DO CLUBE E DA TORCIDA MAIS APAIXONADA DO BRASIL



Priiii!!! Começa o jogo...



Você nunca viu nada igual a Ping Pong Futebol Cards. Ping Pong Futebol Cards é cheio de novidades para você, são cartões de jogadores e mais um chicle de bola.

3 em 1. E não é falta.

Em cada embalagem de Ping Pong Futebol Cards você vai encontrar um chicle de bola e três cartões como esse que você tem como brinde. E cada cartão!!!

Na frente ele traz uma fotografia colorida dos nossos principais ídolos do futebol. No verso você vai ficar "por dentro" de fatos, acontecimentos e muitas curiosidades da vida e carreira desses jogadores que Ping Pong Futebol Cards investigou especialmente para você.

Uma coleção fora de série.

Ping Pong Futebol Cards é gostoso e fácil de colecionar. Veja só a qualidade dos cartões. São resistentes e do tamanho ideal para você consultar ou

mesmo trocar com seus amigos. Futebol Cards é uma coleção para durar a vida toda e que manterá você sempre atualizado com as coisas do futebol.

Você vai ter o Leão, o Palhinha e mais de uma centena de craques, para colecionar.

Levante a mão com Ping Pong Futebol Cards e mostre que você também entende de futebol.

Os Clubes

Guarani F.C.
S.C. Corinthians Paulista
São Paulo F.C.

EMERSON LEÃO

Nascimento: 11.07.1949 - Ribeirão Preto - São Paulo
Altura: 1,82 m - Peso: 80 quilos

Posição: Goleiro

Equipes que já defendeu: E.C. São José (S. J. dos Campos); Comercial F.C. de Ribeirão Preto; S.E. Palmeiras; Seleção Brasileira - Copas 70, 74, 78.

Títulos: Campeão Mundial em 70; Campeão Paulista em 72, 74, 76; Campeão Brasileiro em 72, 73; Taça Cidade de São Paulo 72; Torneio de Carranza - todos pelo Palmeiras.

Curiosidades: Muito dedicado nos treinos, Leão é considerado um dos três melhores goleiros do mundo. Começou na Seleção em 69, ano em que foi contratado pelo Palmeiras, e desde 74 é titular absoluto da posição. Na Copa da Argentina conseguiu manter sua meta invicta durante 457 minutos, batendo o recorde em Copa do Mundo de minutos sem tomar gols. É formado em Educação Física. Seu prato preferido é arroz ao forno, e seu ídolo Falcão.

PING PONG

56

FUTEBOL CARDS

Santos F.C.
S.E. Palmeiras
A.A. Ponte Preta
Botafogo F.C.
A. Portuguesa de Desportos
E.C. Internacional
Grêmio F. Portoalegrense
C.R. Flamengo
Fluminense F.C.
C.R. Vasco da Gama
Botafogo F.R.



FUTEBOL CARDS

O chicle dos bons de bola.



Editora Abril

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretores: Edgard de Sílvia Faria, Richard Civita,
Roberto Civita, Rubens Vaz da Costa

Vice-Presidente de Publicações
Femininas e Masculinas:
Thomaz Souto Correa
REDAÇÃO

Diretor: Jairo Régis

Editor de Projetos Especiais: Juca Kfoury

Textos e Reportagens: Ricardo Vespucci,

José Maria de Aquino, Sérgio Martins,

Waurício Cardoso, Marco Aurélio Borba,

Oswaldo Luís Vitta

Arte: Miguel Angel Fernández (chefe),

Nelly Rachel Fernandes

Secretário de Produção: Jurandir Xavier Chamusca

Arquivo: Pedro Alvares Cabral

Departamento de Documentação: Nélson Moreira
Lente, Paulo R. Ribeiro, Sérgio Tadeu A. Pereira

Gerente de Produto:

Alexandre Daunt Coelho

Diretor responsável: Edgard de Sílvia Faria

Assessor: Sérgio Oliva

PLACAR é uma publicação da Editora Abril Ltda. / Redação, Publicações, Administração e Correspondência: av. Otaviano Alves de Lima, 4400, tel.: 266-0011, caixa postal 2372, Telex (011)22094; São Paulo / Telex em Nova York: EDABRIL 423-063 / Escritórios: Belém: n. XV de Novembro, 226, sala 1313, Edifício Chamié / tel: 022-9587 / Belo Horizonte: r. Alvares Cabral, 908, tel.: 337-0351, Telex 031-1085, telegramas: Abrilpress / Brasília: SCS-Projetada, 6, Edifício Central, 12º andar, salas 1201/8, tel.: 24-9150 e 24-7116, telegramas: Abrilpress / Florianópolis: Rua Felipe Schmidt, 51, Edifício Jacqueline II, sala 201, tel.: 22-7826 / Curitiba: r. Fernandes de Barros, 491, depto. comercial: 62-8833; redação: 62-8842, telegramas: Abrilpress / Porto Alegre: r. Vieira de Castro, 285, tel.: depto. comercial: 23-9617, 31-5348; redação: 23-9441 e 23-9502, telegramas: Abrilpress / Recife: r. Siqueira Campos, 45, Edifício Lige Uchoa Medeiros, conj. 204/5, tel.: 24-4957, telegramas: Abrilpress / Rio de Janeiro: r. do Passeio, 56, 6º/11º andares, tel.: 244-2022, 244-2057, 244-2017, caixa postal 2372, telex 021-22674 / Salvador: r. Itabuna, 304, Parque Cruz Aguiar, Bairro do Rio Vermelho, tel.: 247-3999, telegramas: Abrilpress / Distribuidor nos EUA: M&Z Representatives, 122 Ferry Street, Newark, N.J. 07105, tel: (201)589-2794 / Preço por exemplar avulso: o constante na capa / Ninguém está credenciado a angariar assinaturas: se for procurado por alguém denuncie-o às autoridades locais / Números atrasados: ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor Abril de sua cidade. Em São Paulo: av. Tiradentes, 1391; r. São Domingos, 212; r. Antônio de Barros, 841; r. João Pereira, 197; r. Domingos de Moraes, 1851; r. Santo de Campinas, 452; r. Olapoque, 91; no ABC: av. Industrial, 1117 (Santo André); no Rio de Janeiro: r. Sacadura Cabral, 141; pedidos pelo correio: caixa postal 945, São Paulo / Temos em estoque somente as últimas seis edições / Todos os direitos reservados / Impressa e distribuída com exclusividade no país pela Abril S.A. Cultural e Industrial, São Paulo. As opiniões dos artigos assinados não são necessariamente as adotadas por esta revista, podendo até ser contrárias à mesma. Registrada na D.C.D.P. do Departamento da Polícia Federal sob n.º 034 P 209.73

**AS MAIORES
TORCIDAS
DO BRASIL**



CORINTHIANS

Apresentação

*Há pouco mais de um ano essa história
não teria um final feliz. Hoje,
felizmente, é bastante diferente.*

*O Corinthians passa por uma grande
fase, sem ter que provar mais nada a
ninguém, sem que seu passado seja uma
referência às glórias que o presente
desconhece. Placar pesquisou a fundo a
tradição desse clube que vive seus dias
atuais sabendo que o futuro só lhe
reserva as alegrias de um povo que,
por ser o maior, sabe também que só
pode ser o melhor.*

ÍNDICE

4		<i>A Última Grande Glória</i>
10		<i>Meu Time Inesquecível</i>
13		<i>A História do Clube</i>
18		<i>O Jogão Histórico</i>
23		<i>Grandes Conquistas</i>
27		<i>No Peito e na Raça</i>
30		<i>A Torcida</i>
38		<i>Os Ídolos</i>
46		<i>O Time do Futuro</i>

A NOITE INESQUECÍVEL DA LIBERDADE CORINTIANA



Durante 23 anos a torcida alvinegra esperou por essa noite. Havia até quem temesse não saber como se comportar na hora da explosão, na hora da vitória. E ela veio sofrida. Começou uma semana antes, com um gol heróico, com a cara e a coragem de Palhinha. Pareceu fugir — como tantas outras vezes — no domingo anterior, quando o destino ainda não quis que um Morumbi, com público recorde, explodisse. Mas, naquela quinta-feira, dia 13 de outubro de 1977, um barulho ensurdecedor tomou conta do estádio desde o início da partida. Foram noventa minutos em que a torcida jogou junto, sofreu junto com as defesas de Carlos, com a bola na trave chutada por Luciano. Estava escrito que para ser mais gostoso teria também que ser mais sofrido. Afinal, quem esperou tantos anos podia esperar mais um pouco. E foi no fim que Basílio fez o gol da libertação. Depois, a explosão. Começou no campo, permaneceu em volta do estádio, se espalhou pela cidade por três dias de festa como nunca houve e acabou tomando conta do Brasil inteiro que só sabia gritar um grito: É campeão!



SÉRGIO SADE

O corintiano finca sua bandeira no território libertado.



PEDRO MARTINELLI

De todos os ídolos um foi escolhido como o maior: Osvaldo Brandão, campeão em 1954, voltou para acabar de vez com o sofrimento.

JOSÉ PINTO



Geraldo ergue os punhos, Basílio enlouquecido vai festejar com a torcida. Era o gol da vitória, o grito de campeão, o desabafo geral.

SEGUIR

A ÚLTIMA GRANDE GLÓRIA

MANOEL MOTTA



Zé Maria, Tobias, Moisés, Ruço, Zé Eduardo, Vladimir, Lance, Luciano, Jairo, Palhinha, Vaguinho, Basílio, Geraldo, Romeu, Mineiro, Adão e Ademir.

Faltam poucos minutos para terminar o jogo. O Corinthians ganha por 1 a 0, e o time todo, como que impulsionado por um sopro divino, corre e briga como se estes momentos finais fossem os mais decisivos e importantes de sua vida. E são! A vitória representa o título de Campeão Paulista de 1977. Mais que isso, representa o fim de vinte e dois anos de espera. Vinte e dois anos de luta, de sofrimentos e de pilhérias.

A bola é disputada como se fosse a última gota d'água no deserto. O time catimba, grita, corre e sofre os últimos instantes que antecedem uma longa noite de alegria e de loucuras. E a torcida, confiante, já comemora, como se mais nada de ruim pudesse vir a acontecer. O Morumbi está coberto por uma bruma fria, que se mistura com as serpentinhas e com a fumaça dos rojões, mas todos sentem um calor agradável. Quase duzentos mil braços se entrelaçam num único e gigantesco abraço e mais de noventa mil gargantas se abrem num grito

só, feito em duas vozes e chegando a cada canto do Brasil onde há um aparelho de televisão.

— Coorinthians, campeão! Cuu-rinthians, campeão! Coooriiiiinthians, campeãããã!

Passam poucos segundos da hora fatal, do momento intensamente esperado. O juiz, Dulcídio Wanderley Boschilia, olha para seus bandeirinhas, aproxima-se da bola, coloca-a debaixo do braço esquerdo, ergue o direito — apontando o meio do campo, apita forte, mas ninguém escuta mais nada. Nem há tempo, paciência ou coração para esses requintes. A torcida já está invadindo o campo, surgindo de todos os cantos. Os jogadores correm para o banco de reservas e vão agradecer ao velho Pai Brandão. Erguem-no nos ombros e iniciam uma curta e interrompida volta olímpica, como que querendo dizer que aquele homem, o amigo, o maestro, mais do que qualquer outro, é o grande responsável por aquela noite de libertação. Brandão se equilibra, es-

boça um sorriso de alegria e deixa que as lágrimas lavem seu rosto cansado.

Em poucos minutos, já não há mais espaço vazio no gramado do Morumbi. São milhares de torcedores jogando para fora um século de angústias. Um torcedor finca sua bandeira no centro do campo, como que mostrando que aquele território acabava de ser conquistado. Duas moças acendem duas velas junto à bandeira e um garoto olha fixamente para o marcador, gravando para a eternidade aquele 1 a 0, gol de Basílio.

É uma loucura organizada, até onde pode ser. Dezenas de torcedores atravessam o campo de joelhos com os braços erguidos para o céu. Muitos pulam, alguns apenas deitam na grama onde seus heróis acabam de ganhar o mais esperado e desejado dos títulos, e um grupo começa a arrancar as redes, dividindo-as em sagrados pedacinhos. Duzentos guardas tentam transferir o carnaval para as ruas, mas ainda é muito cedo. Ainda há tempo para isso. A festa



O capitão Zé Maria desceu com o time para os vestiários e comandou a volta ao campo para que a massa e os heróis festejassem juntos.

no gramado do Morumbi, onde muitos começam a arrancar punhados de grama, levando-os à boca, beijando ou mesmo mastigando, é apenas um ensaio geral. Depois tem mais.

Pouco mais de duas horas antes, já havia festa, mas era uma festa nervosa. Aqueles 86 677 pagantes, quase todos corinthianos, natos ou por adesão, acreditavam na vitória, mas sentiam, porque tinham que sentir, a natural pontinha de medo. Talvez nem fosse medo. Talvez fosse respeito por um adversário difícil que lhes tinha, apenas quatro dias antes, num domingo de sol, ideal para uma longa festa de comemoração, sufocado o grito que naquela noite iam repetir muitos milhares de vezes: *Cooooorinthians, campeão! Cuuurinthians, campeão!*

Tinham chegado de todas as partes e por todo o tipo de transporte. Vinham de São Miguel Paulista, do Tatuapé, do Pacaembu, ali mesmo do Morumbi e de muitas cidades do Mato Grosso, de Goiás, de Minas Gerais. Era gente sim-

ples e gente rica. Mas gente, acima de tudo, corintiana. Gente em busca da vitória prometida, sonhando com uma nova Lei Áurea. E, como todos sabiam que mais do que nunca era preciso ajudar o time, empurrá-lo para a frente, ninguém se negava a assoprar os terríveis apitinhos distribuídos por um grupo de fanáticos fantasiados de pierrô.

Uma das muitas faixas dizia: "Eu te amo, não me mates".

E era exatamente isso o que mais desejavam aqueles homens que acabam de chegar ao Morumbi, trazidos pelo ônibus do clube. Vinham sérios, mas tranquilos. Cada um sabia da sua responsabilidade e ninguém ousava esquecer as últimas palavras do Pai Brandão. Mais importantes do que qualquer esquema tático, que aquele não era um jogo para esses detalhes:

— Quem estiver com medo que diga já. Diga e passe no caixa do clube. Este não é apenas um jogo. É uma guerra que precisa ser ganha.

Passam das nove horas e a correria

dos repórteres em campo denuncia que os dois times, Corinthians e Ponte, começam a subir, pela terceira vez, as escadas dos túneis do Morumbi. Na primeira, oito dias antes, o Corinthians tinha ganho com um gol de Palhinha, feito com a cara, feito com amor e raça. No segundo, na tarde quente de domingo, a Ponte tinha ganho por 2 a 1. Era a negra, o tudo ou nada.

Não há tempo para vaias. O corinthians, camisa preta com listras brancas, calção preto e meias brancas, surge com Tobias; Zé Maria, Moisés, Ademir, Vladimir; Ruço, Basílio; Vaguiinho, Geraldo, Luciano e Romeu. A Ponte Preta, com meias, calção e camisa branca, faixa preta atravessada no peito, vem com Carlos; Jair, Oscar, Polozzi, Ângelo; Vanderlei, Marco Aurélio; Lúcio, Rui Rei, Dicá e Tuta.

A Ponte não conta com o lateral esquerdo, Odirlei. E o Corinthians não tem Palhinha, seu grande artilheiro, com um estiramento na perna.

Silêncio. A bola vai começar a rolar

SEQUE



Um placar para corintiano não esquecer nunca. A diferença de apenas um gol valeu mais que todos os gols, valeu uma vida de paixões.

e, antes que Dulcídio apite pela primeira vez, só há tempo para mais uma rezi-nha e para mais uma lembrança de que a superstição também vale. O jogadores se benzem e um torcedor se lembra de que é dia 13 de outubro de 1977.

— Treze mais dez somam vinte e três. Estamos vinte e três anos na fila e hoje isso vai acabar. É cabalístico.

Alguém lembra que o astrólogo Omar Cardoso tinha dito que 99% das chances eram para a Ponte, um time fundado sob o signo de Leão. E um outro, disfarçando seu nervosismo, responde à observação, cantarolando uma música de Jorge Ben, uma das muitas feitas para comemorar, com antecedência, a grande conquista.

Joga Corinthians/ Sofre, sofre, corintiano/ Pois o dia está chegando/ Está chegando o dia/ O dia que está aí gritando/ É campeão, aí/ Salve o Timão.

O jogo começa e o Corinthians vai inteiro para o ataque. A ordem é decidir logo nos primeiros minutos, com garra, vontade, mas sem correrias. A Ponte Preta se assusta, o time parece certinho,

movimentando-se com coordenação e, como resultado desse acerto, logo aos quatro minutos, o goleiro Carlos passa pelo primeiro susto.

Luciano, que entrou no lugar de Palhinha, apanha a bola fora da área, caminha alguns passos e, sem marcação, chuta forte, de pé direito e com boa pontaria. Carlos salta, mas não consegue pegar. A bola bate na trave esquerda e a torcida gosta. Na volta, Geraldo pega bem e Polozzi, tentando desviar, quase marca contra.

O jogo esquenta, fica lá e cá, mas é novamente o Corinthians, sempre mais perigoso, que faz o Morumbi tremer mais uma vez. Geraldo, deslocando pela direita, centra para a área. Vaguinho recua para Basílio, o chute sai de primeira e Carlos, numa boa defesa, manda para escanteio.

Luciano corre como nunca tinha feito antes, Ruço não larga Dicá, Vladimir vigia o perigoso Lúcio e a Ponte, aos 16 minutos, tem sua primeira boa oportunidade. A bola é lançada em profundidade, entre Ademir e Vladimir.

Rui Rei entra rápido, mas perde o controle, tocando com a mão e sendo, logo em seguida, derrubado dentro da área. Dulcídio apita, Rui Rei pede pênalti, mas o juiz está marcando falta contra a Ponte. Rui Rei reclama com gestos e recebe cartão amarelo. Insiste nas reclamações, passando dos gestos largos às palavras ofensivas, e Dulcídio, depois de alguma discussão, troca o cartão amarelo pelo vermelho, expulsando o centroavante da Ponte. Mais brigas, mais discussões e o jogo só é reiniciado seis minutos depois.

Jogando contra dez, o jogo pode ficar mais fácil para o Corinthians, mas a Ponte, como quase sempre acontece nessas oportunidades, se desdobra, briga, cria algumas oportunidades e deixa a torcida mais apreensiva do que estava no início.

É um jogo para fazer parar corações. No estádio, com a pequena torcida da Ponte separada por cordões de isolamento formados por alguns dos 1.900 guardas destacados para o Morumbi, as brigas não passam de rápidas ameaças,

seguidas de palavrões cantados em coro, mas fora dele, nos bairros, como já se previa, elas se sucedem. No bairro da Luz alguns comerciantes são obrigados a fechar as portas dos seus bares e na Lapa, na favela Santa Marina, depois de discutirem por mulher e futebol, Manuel Vieira da Silva dispara quatro tiros no rosto de Wilson Guedes da Silva que, levado às pressas para o Pronto-Socorro do Hospital dos Sorocabanos, morre pouco tempo depois.

Duzentos investigadores espalhados pelo estádio vigiam os batedores de canetas, mas naquele instante todos estavam mais interessados em ver a descida de Basílio, aterrado providencialmente por Vanderlei. Luciano, com boa pontaria, cobra, mas Carlos, todo esticado, manda para escanteio.

São passados 29 minutos, o tempo parece voar. O jogo é mais no meio de campo, as duas defesas chegam junto, dando pouco espaço para os ataques e, só aos 39, Vaguinho vai colocar os corinthianos outra vez de pé, armados para o grito de gol, que não sai. O ponta corre pela direita, centra sob medida, Geraldo pega bem de virada, entre Oscar e Polozzi, mas Carlos, mais uma vez, salva a Ponte.

Até o final do primeiro tempo, nada de perigoso acontece para os dois times. Dulcídio apita, os jogadores da Ponte continuam reclamando da expulsão de Rui Rei, sempre o homem mais perigoso do seu ataque, mas de nada adiantam suas reclamações.

Os times demoram a voltar para o segundo tempo e depois o técnico Zé Duarte troca Tuta por Parraga, tentando dar mais poder ofensivo ao seu ataque. O jogo é bem menos corrido. A Ponte se retrai um pouco, para tentar jogar de contra-ataques, e o Corinthians, surpreendendo um pouco, não se precipita, preferindo tocar a bola e só partir na certa. Alguns sentem medo de que essa calma possa virar apatia, os apitinhos infernais são assoprados com mais força, mas o time não aceita o desafio da torcida. É um time cauteloso e ciente do que faz. Luciano chuta bem aos 17 minutos; a Ponte, com Dicá, responde aos 25, cabeceando sem marcação, mas isso é tudo que acontece de perigoso até então.

Mas, o melhor ainda está para acontecer. De repente, como se tudo tivesse sido perfeitamente planejado, o velho

Brandão descruza as pernas, joga fora o cigarro que acabava de acender, fica de pé e, como um velho e experiente maestro, manda o time para o ataque. Brandão e o time, que logo passa a obedecê-lo, parecem entender que a torcida já não tem coração para agüentar uma prorrogação. O time na frente, do jeito que começou jogando, é o que ela quer.

São 37 minutos, Zé Maria desce livre pela direita, recebe em boas condições, centra, mas Ângelo corta com a mão. O próprio Zé Maria cobra, Basílio tenta de cabeça e a bola acaba sobrando para Vaguinho. Todo o time está no ataque, a torcida fica de pé, e o chute de Vaguinho, com o pé esquerdo, bate no travessão e volta para Vladimir, mais uma vez, tentar de cabeça. Oscar salva, a bola cai para Basílio, um bate-pronto perfeito, preciso, com o pé direito, e pronto. Restam apenas oito minutos para o sol voltar a raiar. Corinthians 1 a 0.

Basílio corre para a lateral do campo, agradece a torcida, inicia uma oração de agradecimento a Deus e abre os braços para receber todos os seus companheiros. O grito de gol é prolongado e o locutor Arivaldo Maia, da rádio Gazeta de Maceió, uma das dezenas de rádios que transmitem o jogo diretamente, entusiasmado, parece interpretar o que todos ali estão sentindo: "Gol do Brasil! É o gol que o Brasil inteiro está comemorando".

Na sua falha, uma grande verdade. Começam os momentos mais difíceis. É preciso segurar a vitória de qualquer jeito. Basílio olha para Vladimir, sente que o companheiro está ansioso, e lhe faz sinal para ter calma.

— Já somos campeões. Ninguém mais vai tirar esse título da gente. Vamos lá, porque não podemos decepcionar esta torcida outra vez. Se é um jogo de vida ou morte, que morram eles.

E a bola não pára em campo. Pode ir para qualquer lugar, menos para perto do gol de Tobias. Todos jogam como Brandão tinha pedido — sem se importar muito com um esquema tático, mas com todo amor.

Oscar e Geraldo brigam e são expulsos. O jogo está terminando e Palhinha, sentado na boca do túnel, pára de morder o bico do bonezinho marrom, enfia a cabeça entre as pernas e chora de alegria. Daniel, funcionário do clube, pede

para ele entrar em campo e dar a volta olímpica, mas Palhinha não o atende, preferindo ficar ali, de longe, sozinho, chorando. Depois desce as escadas e vai para o vestiário.

— Eu sou um homem de sorte. Sempre fui. É por isso que eu queria entrar nesse jogo de qualquer jeito. Minha coxa está em carne viva de tanta toalha quente que coloquei nesses três dias.

A festa continua. No campo do Morumbi e nos cubículos da 34.^a delegacia, onde 112 torcedores, presos durante o jogo, com um radinho de pilha ligado, se abraçam e cantam. Os jogadores, finalmente, conseguem correr para o vestiário. Chegam, tomam um pouco de fôlego e recebem uma nova ordem de Brandão, um homem cansado, satisfeito e muito vivo.

— Voltem a campo e deixem os torcedores abraçarem vocês. Essa torcida merece tudo de nós.

A ordem é cumprida, o vestiário é invadido por diretores, políticos e torcedores, mas o velho pai ainda encontra um jeito de isolar-se num canto, misturando uma oração de agradecimento com os cumprimentos que recebe. Depois, sai protegido por alguns amigos e vai descansar com sua família.

— Foi o título mais importante da minha longa vida.

Vicente Matheus perde um pé de sapato, quando tenta abraçar Palhinha, e já não consegue dar entrevistas, rouco e emocionado. Só consegue repetir, com a garganta raspando, o coro da torcida: É campeão! É campeão!...

Basílio fala com a humildade própria dos escolhidos.

— Deus é uma pessoa muito estranha. Podia ter escolhido o Vaguinho, o Vladimir, mas escolheu a mim para fazer o gol que todos precisávamos. O gol foi meu, mas o título é de todo mundo. De Osvaldo Brandão, que soube dirigir o time. De Brito, de Rivelino, de todos aqueles que passaram por aqui e que tentaram, como nós, ganhar esse título.

É madrugada alta e milhares de pessoas, que não puderam ir ao Morumbi e viram o jogo em casa, saem pelas ruas para acompanhar o Trio Elétrico que a revista *Placar* trouxe da Bahia para animar a festa que vara a noite e amanhece transformando a avenida Paulista num grande território livre.

— Meu Deus, acabou. É verdade, somos campeões.



*Meu time
inesquecível*

OS CINCO HOMENS DOS 103 GOLS

“Naquela noite, como pelo resto dos seus dias — Cláudio, Luisinho, Baltazar, Carbone e juntos, qualquer divergência estaria liquidada Mário! E saíram no breu da noite, plácidos, pelo simples entoar da mágica poesia: sonhadores, nostálgicos.” Por **Celso Kinjô**.

Depois de treze cervejas suadas, Mané Bota, Ticão e Luz Vermelha entoaram, uma só voz:

— Ataque era aquele: Cláudio, Luisinho, Baltazar, Carbone e Mário!

Que os três se lembrassem desse quinteto, antigo de vinte e tantos anos, era até natural. Deslumbrante, porém, foi recitar a escalação ao mesmo tempo, sem hesitação ou nostalgia. Como se fosse um estribilho plantado firme na lembrança, saltitando na ponta da língua:

— Que ataque! Cláudio, Luisinho, Baltazar, Carbone e Mário!

O garçom saltou mais umas tantas e outras, o papo prosseguiu aceso, emocionado. Quando as cadeiras subiram para cima das mesas e o escovão começou a chacoalhar o chão de azulejos, eles sentiram que era hora de se recolher. Sequer protestaram. Estavam ancorados num sublime estado de graça: heróis se achavam, pois que haviam testemunhado, tanto tempo atrás, o mesmo milagre dentro do campo. Por isso, claro, não haveria nenhuma bêbada discussão a desentendê-los. Naquela noite, como pelo resto dos seus dias juntos, qualquer divergência estaria liquidada pelo simples entoar da mágica poesia:

— Cláudio, Luisinho, Baltazar, Carbone e Mário!

E saíram no breu da noite, plácidos, sonhadores, nostálgicos. Mané Bota, Ticão e Luz Vermelha. Ataque era esse aí, e para um ataque assim, nem defesa era preciso. Cabeção? Olavo? Murilo? Touguinha? Roberto? Idário? No máximo, seis coadjuvantes de um balé

ofensivo que cometia proezas de levar ao delírio. Mário, lembrava Luz Vermelha, repassava dribles sobre o mesmo marcador, odiava fazer gols. Sua meta era o drible, o espetáculo. Tocava, puxava, escondia, ciscava — e encerrava a função se sentando sobre a bola, que naqueles tempos não havia juiz com peito suficiente para chamá-lo a atenção.

Bons tempos aqueles. Mané Bota, tropicando seu passo, tenta reproduzir uma falta batida por Cláudio Cristóvão do Pinho, o *Baixinho*, o *Gerente*. Com o pé direito, o desengonçado Mané, puro balão, rola uma pedra longe, querendo que ela levante vôo, passando rente à barreira e, lá perto do goleiro, descaía em parafuso, com uma perfeição que a folha-seca de Didi apenas ousou ameaçar. E, para calar os incrédulos, Mané Bota invoca o testemunho patético de Costa Pereira, um goleiro do Benfica, vítima, como tantos outros, de um gol com a marca de Cláudio. O gajo nem se mexeu, quando viu a bola riscando seus olhos e caindo mansa, entre as redes. Depois, patenteou o que vira:

— Mas foi um gol de curbita, pá!

Um quinteto que tinha de tudo. Do bom e do melhor, do sério e do alegre, do moleque e do valente, do preto e do branco. Exatamente como gostam de ser os três companheiros, Mané Bota, Ticão e Luz Vermelha. Na hora de torcer, andam sempre juntos, se escorando. Luz Vermelha jamais se desgarra do radinho de pilha. Fica como que irradiando os lances para os companheiros, retransmitindo as exaltações do locutor. Mané Bota, camisa 8 encardida, arrancada aos tapas de outro torcedor,

numa noite em que o time, heroicamente, chegara à semifinal de um campeonato qualquer (era a camisa de Sicupira, autor do gol em cima da hora), pois esse Mané Bota é o linha de frente do trio, pronto a encarar qualquer barra que pese, adepto incondicional de melar jogo, sempre que o time não dê conta do recado.

E sobra Ticão, um mãe-coragem, que não vive de outra matéria que não seja esperança, eterno virador de jogo. Nas suas memórias, não há resultado que contrarie ou comprometa o time. E é sempre ele quem garante a última palavra, em qualquer circunstância. Sendo contra, encerra:

— Pênalti, uma ova!

Sendo a favor, também:

— Pênalti, sim, só você não viu!

Cada um à sua maneira, os três se completam. Igualzinho àquela linha de ataque, que barbarizou os campos e os adversários. Entre aqueles cinco mosqueiros, um havia que encarnava o capeta, o moleque, o demônio. Era Luisinho, Luis Trujillo, o pequeno polegar que levava a bola grudada a seu pé esquerdo, andando num passo curto e imperseguível. Esse jogava com o coração, mas principalmente com bom humor. Provocava os zagueiros inimigos, catucava as feras com vara curta. Quando o caldeirão fervia e o pau ameaçava quebrar, lá se ia ele, travesso, se proteger atrás de um Touguinha, de um Goiano, de uma qualquer presença massada. De valentia, afinal, bastavam os companheiros. Também adorava emprenhar a torcida com dribles sucessivos, inconseqüentes. Um irreverente, quando chamava o adversário para to-

O BRASIL PRECISA DE CRAQUES

Cada um deve cooperar para que o esporte melhore cada vez mais a imagem do nosso país no Exterior.

A Vortex, por exemplo, faz isso distribuindo artigos esportivos cuidadosamente escolhidos, dos melhores fabricantes como Olé, Drible e outros. Através dos serviços de reembolso postal, a Vortex atende os esportistas das cidades mais distantes, onde a cada dia estão surgindo centenas e centenas de ótimos atletas.

Veja no verso deste e na última capa desta edição especial, alguns dos principais artigos esportivos oferecidos pela Vortex a preços excepcionais.



Cláudio, Luisinho, Baltazar, Carbone e Mário, o ataque que não perdoava. No Campeonato Paulista de 51 fizeram 103 gols.

mar-lhe a bola. Quando o trouxa arriscava, cadê bola? Luisinho a escondia atrás do calcanhar. Ou, então, tocava-a entre as pernas do outro. Certo domingo, no velho campo do Nacional — lembra Mané Bota, olhos brilhando —, Luisinho cometeu uma façanha de circo, alçando a bola no cocuruto, entre as espáduas e a nuca, enquanto dois pasmos zagueiros ciscavam em sua volta, sem saber como oferecer combate. Ia seguindo Luisinho, avançando vagarosamente rumo ao gol, bola no lombo, até que o outro baixinho, Cláudio, fez-lhe um sinal para parar. Mas a farra da torcida seguiu pelo resto do dia, enquanto a bola descia ao chão e o jogo voltava a correr.

Mário, então, era o próprio bailarino. Durou pouco, é certo, mas o suficiente para fazer a caveira de muito lateral de respeito. Não era só e apenas drible. Tinha pulmão cheio, quando cismava: arrancava sobre o marcador, afundava até a linha de córner e, cabeça erguida, desfechava um certo cruzamento para o meio da área. Se rasteira fosse a bola, Carbone só enfiava o pé esquerdo. Ou o direito, que batia e concluía com

as duas. Pelo alto, não havia dúvida ou zagueiro que interrompesse a marcha da verdade: o Cabecinha de Ouro, mais presente que qualquer centroavante jamais esteve num pedaço de área, testava para o fundo das redes.

A uma certa altura, lembra Ticão, talvez o mais exagerado memorialista desse fantástico ataque, o Cabecinha perdera toda a sua identidade. Ou seja: não era Baltazar, não era Osvaldo Silva, nem crioulo era. Nos idos de 51, 52, ele era, exclusivamente, o Cabecinha. E Ticão registra: um dia, o Cabeça ganhou um Cadillac rabo-de-peixe, prêmio por ser o maior ídolo da torcida. Depois de receber o carrão, transtornado por tanta grandeza, desandou a traçar contra-mãos pela cidade. Na rua São Caetano, finalmente, foi barrado por um guarda. Mas, no que o guarda se curvou sobre a janela do Cadillac, se desmanchou:

— Mas é o Cabecinha? É mesmo você, Cabecinha???

Passou papel e lápis, pediu:

— Me assina aqui!

— Mas esse é o talão de multa, seu guarda — teria respondido o artilheiro.

— Não faz mal. Que multa, que nada! Meus colegas vão morrer de inveja, quando souberem...

Ticão só não garante que testemunhou o incidente porque seria empáfia demasiada, cheirando grossa invenção. Solene, finaliza a história:

— E o Cabecinha continuou na contra-mão. Podia até subir na calçada, que ele era rei...

Espécie de aia do rei, curinga pronto para qualquer espaço vazio, entrava o camisa 10, Rodolfo Carbone. Italiano de origem, sim, mas e daí? Que morram os palmeirenses. Carbone, ah, esse foi um artilheiro ao estilo da massa. Fazia gol de todo jeito e qualquer tipo, capaz de trombar com o zagueiro, mas lépido o suficiente para sempre chegar antes. Quando o beque dava por si, lá estava Carbone, saindo de banda, iniciando a comemoração de mais um gol. O que Baltazar não conferia, Carbone cumpria. Com essa verbosa rima, Mané Bota traça, para os companheiros, um ligeiro perfil dessa dupla goleadora, corada e caçamba, artilheiros de fino trato.

Assim é que havia as molecagens do pequeno polegar, as proezas circenses

SEQUE



A fuzilaria alvinegra, com a camisa oficial ou com a listrada, vivia para fazer gols. Com o passar dos anos sua história virou lenda.

do bailarino, a majestade do Cabecinha, o oportunismo do italianinho. Uma mistura bem dosada, medida certa. Mas que jamais vingaria, não fosse a capacidade de liderança do gerente, o Cláudio. Mané Bota se exalta ao projetar a heróica imagem do camisa 7, um ponta-direita que vinha armar o jogo pelo meio e fazia de tudo um pouco. Numa época em que o ponteiro era velocidade pura — correr, correr, cruzar —, o baixinho Cláudio se antecipava aos teóricos e resolvia ser um criador de jogadas.

Gostava, o Cláudio, de sair em tabelas curtas com Luisinho, tocando e saindo, envolvendo graciosamente os adversários, de olho sempre nas desmarcações dos companheiros. Quando se aproximavam da zona de tiro, um deles, Cláudio ou Luisinho, servia pelo alto a Baltazar ou Carbone. Ou, também, esticava a bola até a esquerda, onde Mário já se colocava.

— Cláudio era um crânio — recita Mané Bota, revivendo na memória as estocadas infalíveis desse ataque de vinte e tantos anos passados, comandado pelo gênio criativo de Cláudio Cristóvão do Pinho. Um comandante, isso ele

era, todo o tempo. No campo, não admitia que algo fugisse ao seu controle. Se os ânimos se exaltavam, ele logo cuidava de puxar os companheiros para fora da discussão. Fora de campo, representava os companheiros, preservava a unidade do grupo. Era, acabado, o organizador, a cabeça que reunia e aproveitava os talentos de todos os que o cercavam.

— Um crânio! Um crânio! — repetia, delirante, o Mané Bota.

Luz Vermelha se incendia com o discurso do companheiro e resolve apartear. Fala das empolgantes viradas comandadas pelo capitão Cláudio, sempre do mesmo jeito: quando o inimigo fazia 2 a 0, ele caminhava até seu gol, apanhava a bola e voltava, determinado, para o meio de campo.

Quando Mané Bota protesta, dizendo que o autor do gesto fora Didi, na Copa de 58, o Luz nem se abala. Rebate, candidamente:

— O Cláudio pode até não ter feito isso. Mas é como se tivesse feito. E o Didi veio muito depois. . .

Dos 2 a 0 para os 3 ou 4 a 2, era uma simples questão de minutos — e são-paulinos, palmeirenses, ipiran-

guistas, santistas, curtiram anos a fio esse flagelo de se verem derrotados no minuto final.

Por sinal que, quando faltava um deles, irrompia no gramado a figura ágil de Gatão. Um jogador entre parênteses, sempre citado nos registros dos jornais como tendo substituído alguém. E daí? Banco também ganha jogo, e o Gatão era o pulo do Rato, brinca o Ticão. Rato, treinador, apenas olhava o jogo. Se alguém se machucava na linha de frente, ordens para o Gatão, um reserva de ouro.

Cláudio, Luisinho, Baltazar, Carbone e Mário. Mais (Gatão). Um ataque de 90 minutos, capaz de mudar um placar até a derradeira volta do ponteiro. Um ataque que furou a barreira dos cem gols — fez 103, em 1951, com Carbone de artilheiro máximo. Um ataque inesquecível. Tão inesquecível quanto outro mais recente, que Mané Bota, Ticão e Luz Vermelha entoam com a mesma musicalidade:

— Ninguém segura: Vaguinho, Sócrates, Palhinha, Biro-Biro e Romeu!

Garçon! Salta outra, estupidamente gelada.

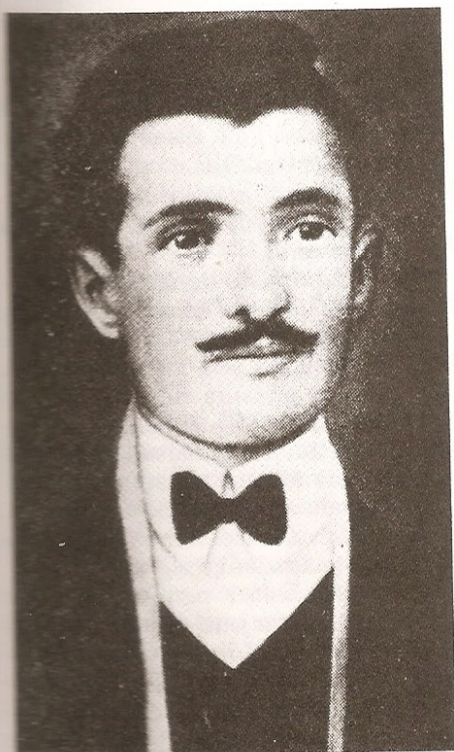
O papo vai começar.



FOTOS ABRIL PRESS

Mário, Peres, Amílcar, Rafael, Del Debbio, Gelindo, Neco, Ciasca, Tatu, Gambarotta e Rodrigues. Campeão do Centenário de 1922.

UMA HISTÓRIA DE AMOR E GARRA



Miguel Bataglia, primeiro presidente.

Uma história de quase setenta anos, feita de lutas e dedicação, que sobreviveu a muitas crises, a anos e anos sem títulos. Uma história em que, talvez como em nenhum outro clube de futebol no mundo, a torcida, a massa apaixonada, desempenhou seu papel interferindo e fazendo o destino de seus ídolos.

Uma história de muitos heróis e poucos vilões, escrita pelo entusiasmo dos que fazem do futebol a imitação da própria vida.



Alexandre Magnani, segundo presidente.

SEGUIE ▶



FOTOS ABRIL PRESS

Este é o quadro do Corinthians Team que deu origem ao nosso Corinthians. Sua excursão ao Rio e São Paulo, em 1910, maravilhou a todos e embora não pertencesse à primeira divisão inglesa fez 38 gols em apenas seis jogos disputados no Brasil.

Depois do jogo, o campo do Paulistano, no Jardim Paulista, lá embaixo, no fim da rua Consolação, ficou coberto de chapéus paleta. Era impossível conter a alegria, e a gente fina, os Álvares Penteado, os Toledo Piza, senhoras de vestido longo, senhores de colarinho duro, bengala na mão e paleta na cabeça, se misturou em abraços com os moços pobres do Bom Retiro, barbeiros, alfaiates e funcionários da Estrada de Ferro São Paulo.

O Sport Club Corinthians Paulista acabava de derrotar, por 2 a 0, seu forte e temido adversário, o Clube Athletico Paulistano. Um gol do lendário Neco, outro de Tatu, uma vitória tranqüila, e o invejado título de campeão paulista de 1922, ano em que o Brasil comemorava o primeiro centenário da sua independência.

A tarde era bonita, São Paulo ainda era uma cidade verde, com poucos carros e poucas chaminés. E as quase seis mil pessoas que superlotavam as arquibancadas de madeira do estádio puderam comemorar alegre e tranqüilamente a importante conquista daquele time

que, até poucos anos antes, muitos não queriam aceitar ao seu lado, disputando os principais torneios da cidade.

Tudo muito diferente do que tinha acontecido numa outra tarde de domingo, em 1916, no campo da Floresta, junto ao rio Tietê, limpo e caudaloso, na Ponte Pequena. Uma briga sensacional, envolvendo jogadores, torcedores e policiais, e que muitos corintianos, de tanto ouvir contar, de passar de boca em boca, de pai para filho, como os segredos dos grandes vinhos, ainda se lembram com riqueza de detalhes.

O adversário era o São Bento e o jogo decidia o título daquele ano, o segundo ganho pelo time dos pobres, sem campo e sem sede própria. A briga começou no finzinho do jogo, quando os adversários reclamaram de uma marcação do juiz, e só durou pouco mais de meia hora.

Os corintianos foram rápidos em seus ataques, e a polícia e os torcedores do São Bento só ficaram sabendo o que havia dentro da carroceria daqueles caminhões camuflados por galhos de árvores, quando um bando de garotos,

bem instruídos, começou a distribuir, entre a turma do Bom Retiro, aqueles pedaços de madeira cortados em forma de taco de beisebol.

Dois momentos de alegria e raça entre os muitos que seriam vividos por um time que começou a escrever sua história em setembro de 1910, nos fundos de uma barbearia do Bom Retiro, e que hoje, 68 anos depois, se prepara para construir um estádio para 200 mil pessoas, o maior do mundo, particular ou oficial.

Todos os fins de tarde, um grupo de rapazes humildes, quase todos funcionários da Estrada de Ferro São Paulo, caminhava pela rua José Paulino, trocando idéias. Falavam de muitas coisas, do custo de vida, de garotas, mas, principalmente, falavam de futebol. Sonhavam com a fundação de um time. Mas um time de verdade, bem organizado, com uniforme completo, bola de capotão e, se possível, com um campo próprio, para mandar seus jogos.

Brincar com uma bola qualquer, eles já brincavam nos fins de semana. Jogar apenas jogos amistosos, sem uniforme completo, sem juiz oficial e sem bandeirinhas, eles já jogavam. Mas o que queriam era uma coisa melhor. Um time para disputar jogos oficiais. Um time que pudesse, mais tarde, enfrentar o São Bento, o Mackenzie, o Paulistano, times famosos na época.

E, toda vez que passavam por um terreno grande, na rua José Paulino, Joaquim Ambrósio insistia na idéia.

— A gente tem que resolver logo a fundação desse time. Estamos perdendo tempo e bem podemos conseguir esse terreno ali para fazermos nosso campo. A gente procura os donos, fala com eles e tudo fica certo.

No dia primeiro de setembro, finalmente, a idéia tinha dominado a todos. O grupo reuniu-se na barbearia de Salvador Bataglia e, sem muita discussão, foi eleita a primeira diretoria. Como presidente ficou Miguel Bataglia, famoso alfaiate do bairro. Salvador Lapomo e Alexandre Magnani ficaram como vices, Antonio Alves Nunes, o secretário, João da Silva, o tesoureiro e Carlos da Silva, o procurador geral.

Faltava escolher o nome do novo clube e bolar um jeito de arranjar mais sócios, além dos 16 que assinaram proposta ainda naquela reunião. Combinaram um novo encontro para o dia cinco, desta vez na rua dos Imigrantes, na confeitaria do Afonso Desidério.



José I, Jaú, Brandão, Teleco, Munhoz, Carlito, Carlos, Jango, Daniel, Carlinhos e Filó, os primeiros campeões profissionais, em 37.

O primeiro nome proposto na nova reunião foi Santos Dumont F.C., homenagem ao brasileiro que, quatro anos antes, em Paris, tinha voado pela primeira vez na história. A idéia foi bem aceita, mas logo foi colocada de lado. Todos estavam impressionados com a grande exibição feita na véspera pelo *Corinthians Team*, um time inglês que excursionava pelo Brasil, e aquele parecia um ótimo nome. Colocado em votação, foi aprovado por unanimidade. O mais novo time de São Paulo ia chamar-se *Sport Club Corinthians Paulista*.

No dia 31 de agosto o *Corinthians Team* tinha vencido a Associação Atlética Palmeiras por 2 a 0; no dia 2 de setembro tinha goleado o Clube Atlético Paulistano por 5 a 0; e no dia 4, véspera daquela decisão histórica, tinha massacrado o São Paulo Athletic Club por 8 a 2. Somando, com os outros três jogos disputados no Rio de Janeiro, 38 gols contra seis.

O *Corinthians Team* não era um dos principais times da Inglaterra e nem mesmo pertencia à primeira divisão. O grande time inglês da época era o Newcastle, campeão de 1905, 1907, 1909, e que aquele ano acabava de levantar a Taça da Inglaterra. Tivesse viajado para o Brasil o time campeão, como desejavam os dirigentes da época, e hoje, muito provavelmente, o *Corinthians brasileiro* se chamaria Newcastle United — ou apenas Castelo Novo F.C.

Mas, alheios às decisões do campeo-

nato inglês, e maravilhados com o futebol mostrado por aquele time, o grupo de senhores e rapazes do Bom Retiro não teve dúvidas.

— Vamos ser Corinthians, e vamos escrever igualzinho a eles o nome do nosso time.

Um passo adiante, para não perder o entusiasmo, era preciso arranjar dinheiro para comprar uma bola. Fazer um ou dois treinos sérios e arranjar o primeiro adversário. Comprando a bola, o resto ficaria mais fácil. Quase todos já tinham um par de chuteiras e um calção preto. E uma camisa branca, mesmo das comuns, feitas com pano de saco de farinha de trigo, também não seria difícil de se arrumar.

Uma lista correu as casas das ruas vizinhas e em poucos dias João da Silva aparecia com os \$6.000 réis que precisavam. A bola foi comprada na rua São Caetano e o primeiro treino marcado para o dia 14 de setembro. Só faltava um bom adversário para o primeiro jogo oficial. Foi escolhido o União da Lapa, um time de grande torcida e o resultado, embora não fosse favorável, deixou o grupo do Bom Retiro bastante animado. Perder para o União da Lapa por 1 a 0, era quase uma vitória.

No segundo jogo as coisas pareciam muito mais difíceis, mas a fibra do time, correndo e lutando os 90 minutos, ia dar muita alegria ao pequeno grupo de sócios que viajou até a Lapa para ver o seu *Corinthians go-*

lear por 5 a 0 a temida A.A. da Lapa, time de ingleses bons de bola e que quase não perdia em seu campo.

A coisa pegou e, apesar das dificuldades políticas e financeiras, o time ia bem. Valente; Perrone (capitão do time), Atílio; Lepre, Barone, Police; José Silva, Jorge Campbell, Luiz Fabbri, César Nunes e Joaquim Ambrósio já eram conhecidos como um time de respeito. Mais jogos e mais vitórias: 2 a 1 contra o Carlos Gomes; 1 a 0 contra o E.C. Santanna; 3 a 1 contra o União da Lapa; 1 a 1 contra o Tiradentes; 1 a 2 contra o Ruggerone e 6 a 0 contra o mesmo Ruggerone, na revanche.

O time precisava crescer e o novo presidente, Alexandre Magnani, que assumiu em 1912, tentou sua inscrição na Liga Paulista, mas não conseguiu. Futebol era coisa para bem-bem e havia necessidade de alguém que falasse bem, com diploma de doutor, para furar o bloqueio. Convidaram o estudante Ricardo de Oliveira e, logo em seguida, o dentista João Batista Maurício, para ajudarem o clube na nova luta. O primeiro ficou como secretário, o segundo assumiu a presidência e, em 1913 o *Corinthians* disputava seu primeiro título, chegando em terceiro lugar. A inscrição do *Corinthians* como filiado provocou uma cisão e o C.A. Paulistano, o Mackenzie College e a A.A. das Palmeiras, que não concordavam com a admissão de um "time de várzea", fundaram a A.P.E.A., disputando um outro campeonato.

SEGUIE ▶



PEDRO MARTINELLI

Zé Maria, Tobias, Moisés, Ruço, Ademir, Vladimir, Vaguinho, Basílio, Geraldo, Luciano e Romeu, os heróis da final de 1977.

Campeão invicto em 1914, sem um único ponto perdido, o Corinthians, em 15 de agosto do mesmo ano, disputa sua primeira partida internacional, perdendo por 3 x 0 para o invicto Torino, maior time da Itália, na época. Perde, mas merece de Vittorio Pozzo, campeão mundial em 1934 e 1938, um elogio inesquecível.

— É uma grande equipe. Possui vários elementos que superam muitos dos nossos famosos jogadores. Zaga sólida, médios incansáveis e dianteiros velozes. O Corinthians é um time que pode ir à Europa e enfrentar, sem receio, qualquer dos times de lá.

A seleção da Liga, que também tinha perdido por 5 a 1, pede revanche e perde por 7 a 1. O Corinthians pede sua revanche, leva um empate de 1 a 1 até os últimos minutos quando o juiz, Charles Muller, dá como gol de Torino uma bola que o goleiro Sebastião defendeu sobre a risca. O time perde, mas Sebastião, Casimiro, Fulvio; Police, Bianco, César; Américo, Peres, Amílcar, Aparício e Neco saem de campo carregados pelos torcedores.

Em 1915 o Corinthians, por não concordar com a política da Liga, pede seu desligamento e não disputa o campeonato. Mas volta no ano seguinte, ganhando o título e, outra vez, sem nenhum ponto perdido. Em 1917 é feita a pacificação no futebol paulista e o Corinthians, por seus méritos, pela suas grandes conquistas, é convidado a par-

ticipar do campeonato. Os outros times começam a "roubar" seus melhores jogadores e a crise técnica é inevitável. Perde no campo mas vai construindo, com suas próprias mãos, o novo campo, onde mandará seus jogos, ali na Ponte Pequena. O terreno foi conseguido por Alcântara Machado, presidente de honra, e o aluguel mensal, de 110 mil réis, é pago com prazer.

O time vai se recuperando aos poucos, Neco surge como seu primeiro grande ídolo, o título de Campeão do Centenário, em 1922, é comemorado com grande alegria, o tri vem nos anos seguintes, e é hora de se pensar, também, no patrimônio do clube. Novas reuniões, novas diretorias e, em 1926, Ernesto Cassano concretiza o grande sonho, comprando uma grande área, no Parque São Jorge, onde até hoje está o Corinthians.

O clube sofre novas crises e, em 1936, assume Manuel Correia, tricampeão em 1937-38-39. Correia era espanhol de nascimento e, num dado momento, diz uma frase de grande repercussão:

— *Con razón o sin razón, Corinthians tiene siempre razón.*

Era 1940 e um grupo oposicionista, estribado nesse fato, tenta derrubá-lo. As brigas se sucedem e as autoridades determinam uma intervenção no clube. Assume o capitão Ailton Rodrigues, que logo é transferido. Seu lugar é ocupado por Mário Henrique de Almeida,

substituído meses depois por um "conselho de paz", congregando todas as correntes.

Alfredo Ignácio Trindade assume em 1944, sai em 1947 e volta em 1949, para ficar até 1958, quando foi derrubado por Wadih Helu e Vicente Matheus. Trindade compra mais um pedaço de terra, e começa a construir as piscinas, mas não esquece do time. Bicampeão em 1951-52, não força em 1953 e dá tudo em 1954, para ganhar um novo título de Campeão do Centenário. Nesse ano surge o grupo conhecido como "os dez dedos de Trindade", que reafirma, com todo ímpeto, a garra que o Corinthians trazia de berço. Eram dez homens que vigiavam tudo que pudesse prejudicar o time. "Todos os atos da Federação eram conferidos e muitos juizes apanharam antes dos jogos, só para saberem que deviam apitar direitinho."

De 1959 até 1977, graças, também, aos problemas políticos criados pelas disputas entre o grupo Vicente Matheus e o grupo Wadih Helu, o time não conseguiu grandes conquistas, mas o clube, na sua parte social, não parou de crescer, sendo, hoje, um dos mais completos de São Paulo.

Provando, com tudo isso, que foi um clube que nasceu para resistir e sobreviver a desgraças, crises e derrotas. Um clube que teve mil motivos para não existir e que soube fazer deles o seu motivo de vida e de glória.



O estudo por correspondência é a solução prática e objetiva para aqueles que não podem perder tempo !

E nós do **INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO** nos orgulhamos de oferecer o que existe de mais moderno nessa modalidade de ensino.

Afinal são 40 anos de experiência !

RADIOTÉCNICO (COM PEÇAS E FERRAMENTAS GRATUITAS)

TORNEIRO MECÂNICO

AUXILIAR DE ENFERMAGEM

SUPLETIVO DE 1º GRAU

CORTE E COSTURA

BORDADO, TRICÔ E CROCHÊ

DESENHO ARTÍSTICO E PUBLICITÁRIO

ELETRICIDADE

DESENHO ARQUITETÔNICO

DESENHO DE MECÂNICA

REFRIGERAÇÃO E AR CONDICIONADO

MECÂNICA GERAL

MECÂNICA DE AUTOMÓVEIS

MATEMÁTICA 1º e 2º GRAUS

ELETRICIDADE DE AUTOMÓVEIS

SUPLETIVO DE 2º GRAU

RÁDIO, TRANSISTORES, TELEVISÃO (preto e branco e a cores)

AUXILIAR EM ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS

INGLÊS

AUXILIAR DE ESCRITÓRIO

SECRETARIADO MODERNO

CONTABILIDADE PRÁTICA

PORTUGUÊS 1º e 2º GRAUS

TELEVISÃO EM PRETO E BRANCO E A CORES

CURSOS RÁPIDOS ! Mensalidades ao alcance de todos.

Matricule-se com urgência e receba as lições do curso escolhido, bem como todo o material necessário, gratuitamente.

MANDE O CUPOM ABAIXO OU ESCREVA-NOS HOJE MESMO.

6866

Instituto Universal Brasileiro
Rua Capitão Francisco Teixeira Nogueira, 202
Caixa Postal 5058 - São Paulo - CEP 01000

Sr. Diretor: Peço enviar-me GRÁTIS o folheto completo sobre o curso de _____ por correspondência.

(INDICAR O CURSO DESEJADO.)

NOME _____

RUA _____ Nº _____

CIDADE _____ CEP _____

ESTADO _____

ESTE É PARA SEU AMIGO.

6866

Instituto Universal Brasileiro
Rua Capitão Francisco Teixeira Nogueira, 202
Caixa Postal 5058 - São Paulo - CEP 01000

Sr. Diretor: Peço enviar-me GRÁTIS o folheto completo sobre o curso de _____ por correspondência.

(INDICAR O CURSO DESEJADO.)

NOME _____

RUA _____ Nº _____

CIDADE _____ CEP _____

ESTADO _____

ESTE CUPOM É SEU.

O CAMPEÃO DOS



Em 1922, no Centenário da Independência do Brasil, o primeiro título. Todos o queriam, só o Corinthians o obteve. Depois, em 1954, ano do IV Centenário da fundação de São Paulo, todos se uniram para evitar que a façanha se repetisse, que a glória fosse para o plural. Em vão. Título importante, para entrar na História, tinha que ser do Timão. E assim o Corinthians deixou de ser o "Campeão do Centenário" para, com um simples s, fazer inveja e ciúme aos seus adversários: Campeão dos Centenários! Que venha o próximo.



AGÊNCIA ESTADO
Goiano, Olavo, Idário, Homero, Roberto

São Paulo amanheceu ensolarada e por toda a cidade não se fala em outra coisa: Corinthians e Palmeiras jogam no Pacaembu e podem decidir o título de campeão paulista do IV Centenário. O Corinthians leva vantagem de três pontos e lhe basta um empate. O Palmeiras, para ser o campeão, precisa vencer e depois esperar por uma vitória do São Paulo sobre o mesmo Corinthians, no próximo domingo.

CENTENÁRIOS



e Gilmar; Cláudio, Luizinho, Baltazar, Rafael e Nonô, durante 23 anos os últimos onze campeões. Hoje, apenas os heróis de 1954.

Os cambistas vendem os ingressos numerados pelos preços que querem, e ninguém reclama. A Televisão Record vai transmitir o jogo ao vivo, inclusive para a cidade de São Paulo, mas ninguém se contenta com as imagens embaçadas numa tela de 17 polegadas. Este é um jogo para se ver de perto, ajudando o time a ganhá-lo, ou sofrendo com uma indesejável derrota.

Os bondes camarões, que saem da

praça do Correio e sobem pela avenida São João, desviando pela avenida Angélica ou seguindo até a Lapa, passam superlotados; e os torcedores chegam de todos os lados, ganhando o vale do Pacaembu, com suas mansões cinematográficas. Quem não chega nos Buicks, Dodges, Oldsmobiles e Chevrolets, que fazem lotações, vem pendurado em carroceria de caminhão, ou mesmo a pé.

As gerais, arquibancadas e cadeiras estão lotadas muito antes do início da preliminar, entre os aspirantes dos dois times, e os retardatários vão se acomodando nos degraus da concha acústica, ou nas rampas laterais, junto à estátua de Davi. Os duros, desde muito cedo, já tomaram conta dos morrinhos, de onde podem ver quase o campo inteiro.

A torcida corintiana é bem maior do

SEQUE



O CAMPEÃO DOS CENTENÁRIOS

que a palmeirense, e as duas, juntas, desde o meio-dia, fazem um barulho ensurdecedor. Os bares do estádio não conseguem atender a todos os pedidos de cerveja e guaraná, e as primeiras brigas começam mais cedo do que a polícia esperava.

As muitas apostas, que começaram a ser feitas alguns dias antes, no Ponto Chic, Largo do Paissandu, local de encontro de torcedores, jogadores e dirigentes, continuam a ser acertadas nos cantos e nos banheiros do estádio, longe dos olhos da polícia.

Mas o jogo não tem um favorito. O Corinthians vem fazendo uma campanha bastante regular, mas perdeu para o Santos, na Vila Belmiro, no último domingo. E o Palmeiras, que começou mal o campeonato, vem melhorando a cada rodada, podendo chegar à vitória e adiar a decisão do campeonato.

O estádio fica em silêncio por alguns instantes, mas logo volta a pegar fogo, quando os alto-falantes começam a anunciar, compassadamente, as escalações das duas equipes. O nome de cada jogador é recebido com aplausos e vaias, e a torcida corintiana parece gostar da decisão do técnico Osvaldo Brandão, escalando Rafael e Simão na ala esquerda. Durante toda a semana, Brandão sustentou uma dúvida, dizendo que poderiam jogar Carbone, o artífice, e Nonô. Idário, o *Espanhol*, volta ao time depois de ligeira contusão, e a defesa parece mais firme com ele.

No Palmeiras, também à última hora, Aimoré Moreira tira Gérso e coloca Nilo. O Corinthians tem: Gilmar; Romero e Alan; Idário, Goiano e Roberto; Cláudio, Luisinho, Baltazar, Rafael e Simão. O Palmeiras joga com Laércio; Manuelito e Cação; Nilo, Waldemar Fiume e Dema; Liminha, Humberto, Ney, Jair Rosa Pinto e Rodrigues.

Tudo pronto. Esteban Marino, juiz uruguaio, autoriza o início do jogo e milhares de guarda-sóis vão sendo fechados. O calor parece aumentar e os torcedores, a maioria deles enfiada em ternos sóbrios, cinza e azul-marinho, afrouxam o nó da gravata.

Os torcedores ainda se entreolham, indagando por que o Palmeiras deixou de lado sua tradicional camisa verde, entrando de camisa azul, seu uniforme reserva, quando Ney rola a bola para Jair Rosa Pinto e este, mais atrás, para

Waldemar Fiume. Os repórteres de campo correm para todos os lados, tentando descobrir os motivos daquela troca, e logo descobrem.

É um jogo de vida ou morte, valendo um título histórico, que só o Corinthians ostenta, como campeão do 1.º Centenário da Independência, em 1922, e todos apelaram, mais uma vez, para a superstição. As esquinas do Parque São Jorge amanheceram repletas de velas, charutos e garrafas de cachaça, e o pai-de-santo que orienta Paschoal Walter Byron Giuliano, presidente do Palmeiras, não tinha deixado por menos:

— O time deve jogar de camisa azul, para anular o trabalho que os adversários devem ter feito nas camisas verdes.

Estava desvendado o mistério, e logo um outro também o seria. Giuliano passeava pela pista externa do estádio, dando voltas e mais voltas, apoiado numa bengala, mas não tinha quebrado o pé, como fazia parecer o gesso que lhe cobria quase toda a perna.

O Palmeiras começa atacando contra o vento, que sopra forte, e desde o início, sabendo que só a vitória lhe interessa, força o jogo, tentando abrir a contagem.

O Corinthians está cauteloso, procura se defender e só se arrisca ir à frente em rápidos contra-ataques. O nervosismo, os olhares arregalados e o medo substituíram a gritaria da torcida, e o Pacaembu está no maior silêncio. E São Paulo, com seus quase 2,5 milhões de habitantes, está praticamente parada. Na capital, e nas cidades vizinhas, onde a televisão já chegou, milhares de pessoas estão mudas diante dos poucos aparelhos vendidos nesses três anos de televisão no Brasil. Quem ainda não pode comprar um, corre para a casa do vizinho mais próximo e Raul Tabajara, com seu jeito peculiar de transmitir o jogo quase num diálogo com o telespectador, faz suspense quando Jair Rosa Pinto ajeita a bola nas proximidades da área para cobrar uma falta de Goiano em Humberto. A bola é bem chutada, mas vai fora. O Palmeiras volta ao ataque e é a vez de Humberto, com chances para marcar, colocar por cima.

O jogo é muito nervoso e o equilíbrio vai sufocando, cada vez mais, as duas torcidas. As jogadas nas áreas adversárias se sucedem, mas as duas defesas es-



FOTOS ABRIL PRESS

Em cima, o gol de Luisinho, a festa. Embaixo, o gol de Waldemar Fiume.

SEGUIR



o empate palmeirense. Gilmar, empurrado por Humberto, está dentro do gol. Foi pouco para quem estava três pontos atrás.



O CAMPEÃO DOS CENTENÁRIOS

tão seguras, embora o novato Nilo fale seguidamente.

Só passaram dez minutos, que, para as duas torcidas, parecem durar um século. O Palmeiras ataca mais uma vez, mas Goiano, duro na marcação de Jair, recupera a bola e faz um lançamento longo. Rafael recebe, desloca-se pela meia-direita, chega até a entrada da grande área e, dali, centra para a marca do pênalti. Pulam vários jogadores mas, ágil e irreverente, Luisinho, pouco mais de 1,60 m, antecipa-se a Walde-mar Fiume e, de cabeça, coloca longe das mãos e dos olhos do goleiro Laércio.

O Corinthians, que só precisa de um empate para chegar ao título que todos os times queriam, apelando para juízes e pais-de-santo, sai na frente, mas sua torcida ainda não sabe como se comportar, ficando entre os gritos de *campeão, campeão*, e o medo de uma reviravolta.

Chico Mendes ajeita para cima o bico do chapéu, olha para Tan-tan. Os dois sentem vontade de revelar o grande segredo que só eles e alguns poucos sabem, mas só se arriscam a acender um dos milhares de charutos que têm para distribuir entre os torcedores, depois da vitória alvinegra.

A torcida corintiana grita, mas o time, orientado por Brandão, não vai para frente, buscar o segundo gol. Prefere resguardar-se, cuidando cada vez mais da defesa. E o Palmeiras, mesmo jogando contra o vento forte, com Aimoré de pé, gritando sem parar, vai cada vez mais para frente. O jogo ganha mais força, com o Palmeiras insistindo no ataque e com o Corinthians, bem estruturado, defendendo-se e partindo em raros mas perigosos contra-ataques, geralmente pela direita.

Termina o primeiro tempo e, só então, os amigos se dão conta de que Alfredo Ignácio Trindade, presidente do Corinthians, não está na tribuna de honra, nem no alambrado, nem na boca do túnel, lugares de onde costuma ver os jogos. Vão à sua procura e lá está ele, num canto do vestiário, terço na mão, rezando sem parar.

Os bares do estádio ficam novamente lotados, a polícia recebe queixas de que alguns malandros estão tomando dinheiro da turma do morrinho, e nenhum comentarista corre o risco de dizer quem está mais perto da vitória.

O jogo não é um primor de técnica, mas agrada por seu equilíbrio. E, se para os corintianos mais novos o título vale pelo seu aspecto histórico, para os mais velhos, como Tan-tan, vale, também, como mais uma gota de vingança pelo que o Palmeiras, quando ainda era Palestra Itália, fez ao Corinthians, em 1933.

— Nós tínhamos ganho o título de 1932 mas, no ano seguinte, metade do nosso time — Rato, Tuffy, Guimarães, Grané, Tatu e Del Debbio — tinha ido para a Itália. No jogo contra eles, os outros seis também estavam sem condições, suspensos ou contundidos e, sem time para jogar, o Corinthians pediu adiamento da partida, sem ser atendido. Arranjamos um time na última hora e só perdemos de 8 a 0 porque eles não quiseram marcar mais. O Romeu Pellicciari sentou várias vezes na bola, e eu nunca me esqueci daquela humilhação. Não vamos devolver os oito gols, mas vamos sair daqui campeões. Eu juro que vamos.

O Palmeiras volta jogando a favor do vento e, como se esperava, corre inteiro para o ataque. O Corinthians continua na defesa, tentando a todo custo segurar a vantagem, mas sua torcida volta a ficar calada, temendo uma virada no marcador. Baltazar, muito marcado, não joga bem, Simão perde todas para Manuelito, e Idário, mesmo se esforçando bastante, é um ponto falho na defesa.

O jogo vai ficando dramático e, logo aos 5 minutos, surge o gol de empate que pode calar definitivamente ou pode reanimar a torcida corintiana. Liminha corre até a linha de fundo e Homero, em último recurso, faz falta. Jair cobra forte para dentro da área, Idário tenta cortar de cabeça, mas a bola ganha efeito, vai caminhando para o gol de Gilmar, e Ney, acompanhando o lance, acaba de empurrar para as redes.

A torcida do Palmeiras comemora o empate, mas a corintiana sai do estado de medo e explode com seus gritos, enchendo o vale do Pacaembu com seu hino de guerra: Corinthians, Corinthians...

Cláudio, que já vinha jogando bem, começa a orientar melhor o time dentro do campo e Rafael, empurrado pela torcida, explora todos os defeitos do novato Nilo. O Palmeiras insiste sempre, o Corinthians se defende como pode, e Gilmar, obrigado a fazer muitas defesas

difíceis, vai se transformando no melhor jogador em campo.

O tempo passa, as torcidas continuam de pé, as brigas se multiplicam nas arquibancadas, e Esteban Marino já está olhando para seu cronômetro quando Humberto, bem lançado por Jair, corre entre Goiano e Homero, chega na marca de pênalti, escolhe o canto, chuta forte, com precisão. Mas Gilmar agarra, cortando, na garganta palmeirense, o grito de gol que já começava a sair.

Não há tempo para mais nada. O Corinthians, independentemente do resultado do seu jogo contra o São Paulo, no próximo domingo, é o campeão do IV Centenário da Cidade de São Paulo. A torcida invade o campo, surgindo de todos os cantos. Chico Mendes distribui caixas de charuto, símbolo do campeão, e os fotógrafos se dividem entre as cenas dos jogadores sendo carregados em triunfo, dando a volta olímpica, e os rostos molhados pelas lágrimas de um bando de garotos agarrados ao alambrado do Pacaembu. Gilmar chora, Luisinho é agarrado, deixando seu uniforme nas mãos dos torcedores, e Goiano, solitário, corre para o meio do campo, erguendo seus braços para o alto.

A festa é grande, mas não pára ali. Tan-tan e Chico Mendes, finalmente, podem revelar o grande segredo que guardavam com um misto de medo e confiança. Correm para o ginásio atrás da concha acústica e de lá, do esconderijo que arranjaram na noite anterior, tiram os carros alegóricos que, com outros companheiros, fizeram às escondidas, durante toda a semana.

O carnaval ganha as ruas, mas os bondes camarões, que voltam da Lapa e pela avenida Angélica, passam vazios. Ninguém vai para casa. A multidão desce a avenida Rangel Pestana, beija a taça exposta na subsede, segue pela avenida Celso Garcia e, no início da madrugada, chega ao Parque São Jorge. No meio dela, Tan-tan chora de alegria, apoiando-se na muleta que substitui uma das pernas, amputada. O sangue escorre-lhe pelo corpo, mas a alegria é maior do que a dor. Os jogadores se misturam aos torcedores, e quando São Paulo recomeça a amanhecer ensolarada, ainda se escuta gargantas roucas gritando: Corinthians, Corinthians...

José Maria de Aquino



EM CADA TIME UMA SENTENÇA

Três vezes tricampeão, 16 vezes campeão paulista, quatro vezes campeão do Rio-São Paulo, um sem-número de jogadores cedidos à Seleção Brasileira. É difícil escolher os me-

lhores, porque cada um foi o melhor em sua época. Um traço, porém, une cada time, todos os jogadores: a incrível determinação em busca do título de campeão.



ABRIL PRESS

Gilmar, Rafael, Goiano, Homero, Idário, Alan, Nonô, Roberto, Simão, Luisinho, Cláudio e Brandão, campeões de 54 com técnica.

Jairo, Zé Maria, Amaral, Zé Eduardo, Vladimir; Taborda, Biro-biro; Vaguinho, Sócrates, Palhinha e Romeu.

Time bom, dizem todos, é aquele que a torcida sabe de cor, repete com musicalidade e que qualquer criança é capaz de repetir de trás para frente. Como esse atual, montado para dar muitas alegrias à gente corintiana, e preparado com carinho para jogar muitos anos junto, até a inauguração do grande estádio — o Corintão.

E, como esse, muitos outros, que os corintianos, jovens e velhos, não cansam de repetir e jamais permitirão que sejam esquecidos. Como, por exemplo, aquele que enfrentou de igual para igual o grande Torino, arrancando aplausos dos campeões italianos e entrando para a história do clube.

Ou como aquele formado por Sebastião; Casemiro, Fúlvio; Police, Plínio, César; Américo, Fiú, Amílcar, Aparício e Neco, campeão invicto de 1916, repetindo a façanha de 1914 e come-

çando a revelar, para o mundo, os garotos Amílcar e Neco.

Um time marcante, mas que não parou no tempo, acompanhando a evolução do futebol e sempre se renovando. Renovando até merecer, já com outra formação inesquecível, em 1922, uma manchete até hoje muito atual: "O Sport Club Corinthians Paulista é o Campeão do Centenário". Mário (Xororó), Rafael, Del Debbio; Gelindo, Amílcar, Ciasca; Peres II, Neco, Gambarotta, Tatu e Rodrigues. Glórias re-

SEQUE▶



O Pacaembu lotado assiste à volta olímpica dos campeões paulistas de 1951. No ano seguinte o Corinthians ganharia o bicampeonato.



Campeões invictos de 1914 e 1916, num time em que já despontavam os ídolos Neco e Amílcar.



O esquadrão do primeiro tri, em 24: Gelindo, Rafael, Rueda, Colombo, Del Debbio e Ciasca; Peres, Neco, Pinheiro, Tatu e Rodrigues, agachados.

FOTOS ABRIL PRESS

petidas nos dois anos seguintes, para comemorar seu primeiro tricampeonato. A bola rolava, o tempo passava, as vitórias se sucediam, e um novo grande time, formado cuidadosamente durante três anos, ficava gravado para sempre. Era o time da grande decisão do campeonato de 1930, repetindo o tricampeonato, e que fez, depois daquela invasão da Vila Belmiro, voltando sobre máquinas e vagões, muita gente morrer tuberculosa e de pneumonia.

Um time de raça e de bola no chão. Um time capaz de atender aos gritos da torcida e de virar qualquer resultado adverso. Como aquele que Tuffy; Grané, Del Debbio; Nerino (Leoni), Guimarães, Munhoz; Filó (Nápoli), Aparício (Neco), Gambinha, Rato e De Maria, conseguiram virar depois de estar perdendo por 4 a 0, chegando aos 5 a 2.

Era uma máquina de jogar futebol. Um time tão bom que, pouco tempo de-

pois, quatro deles, nada menos do que quatro — Del Debbio, Rato, Filó e De Maria, juntamente com Pepe, Amílcar e Serafim, do Palestra, e Tedesco, do Atlético Santista —, arrumaram suas malas e foram receber em liras italianas, defendendo o Lázio, de Roma. Iam e deixavam uma marca impressionante: em 52 jogos, apenas sete pontos perdidos. Quase todos eles foram titulares absolutos nas diversas seleções paulistas e muitos eram nomes certos nas seleções brasileiras.

O mais conhecido e famoso de todos eles foi Neco. Mas os outros, Del Debbio, Tuffy, Rato, De Maria, Grané, não ficavam muito atrás.

“Neco — está marcado na história do Corinthians — era como que um dínamo. Um dínamo que ia buscar a bola no campo de defesa do seu quadro, para, na volta, e sempre no mesmo ritmo, sempre no mesmo embalo, fuzilar,

com tiro seco, certo e à meia altura, o arco adversário. Possuía as virtudes que só um Grande Neco saberia tê-las: impecável nas recargas e nas bolas sobradas; perfeito nas fintas largas e desengonçadas; incomparável no sangue, na raça e no espírito de luta.”

Tanta era sua garra que vários times do Uruguai e da Argentina, depois de vê-lo em ação em alguns sul-americanos, tentaram, em vão, atraí-lo.

Del Debbio, convocado para disputar o Mundial do Uruguai, em 1930, só não jogou porque a APEA, na última hora, decidiu não ceder seus jogadores. Tuffy era conhecido como o “Satanás”, por suas defesas, e por sempre jogar todo de preto; e foi com Grané, dono de um chute muito forte, que aconteceu um dos mais trágicos momentos do futebol brasileiro.

Jogavam paulistas e cariocas, no campo da Floresta, quando aconteceu

SEQUE



LIVRO, sempre uma boa companhia !

PREENCHA O CUPOM OU FAÇA O SEU PEDIDO POR CARTA.

Não mande dinheiro agora.
Só pague ao retirar sua
encomenda no Correio.

ATENÇÃO

NA COMPRA DE DOIS OU MAIS LIVROS,
VOCE RECEBERÁ, INTEIRAMENTE GRÁTIS,
BRINDES-SUSPRESA SENSACIONAIS.

133-REGRAS DE FUTEBOL Interpretação das leis do "Football Association". Com 65 esquemas explicativos e 1099 questões e respostas. Indispensável a todos os desportistas e torcedores. Cr\$ 110,00	134-PONTOS DE PORTUGUÊS Lições de gramática para os alunos do 1º grau e candidatos a concursos. Escrito especialmente para ajudar os candidatos a concursos nas provas de Português. Cr\$ 90,00	135-COMECE A FALAR INGLÊS HOJE MESMO Você poderá entender e explicar-se. A PARTIR DE HOJE, na língua universal com poucas horas de leitura e estudo. Cr\$ 90,00	136-PROBLEMAS DE ARITMÉTICA Para concursos e cursos preparatórios. Enfaçando mais de 500 problemas apresentados com as soluções desenvolvidas, de maneira a indicar segura e claramente a marcha do cálculo até o resultado final. Cr\$ 100,00
137-FEITIÇOS DE UM PRETO VELHO QUIMBANDEIRO Contendo defumações, banhos, feitiços, orações, mandingas e rezas. Obra completa e necessária a todos os Umbandistas. Cr\$ 120,00	138-BANHOS, DEFUMAÇÕES E AMACIS NA UMBANDA Este livro está dividido em duas partes. A primeira apresenta os ingredientes dos banhos de acordo com o Orixá. A segunda trata das defumações, esclarecendo e orientando o Filho de Fé. Cr\$ 95,00	139-MANUAL DE OFERENDAS E DESPACHOS NA UMBANDA E QUIMBANDA Neste livro o leitor encontrará as oferendas e despachos para cada Orixá, assim como os locais onde devem ser arriados. Cr\$ 110,00	140-SÃO CIPRIANO VERDADEIRO CAPA DE AÇO Acompanha grátis um talismã da sorte. ADVERTÊNCIA - Este livro não deve ser emprestado nem mostrado. É de uso privativo do seu possuidor. Cr\$ 220,00
141-PSICOLOGIA DO AMOR Obra que trata de maneira lúcida das condições em que o amor nasce, transforma-se e fenecce. Sonda o mistério das nossas inclinações, comportamento e suas consequências. Cr\$ 100,00	142-MINHAS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS SEXUAIS Obra de forte conteúdo erótico, com descrições vívidas e reais. O autor rememora passagens de sua infância e mocidade, onde encontramos os hábitos e costumes de décadas passadas. Cr\$ 160,00	143-O MESTRE DO PRAZER Romance erótico-policial, passado em exóticas cidades orientais. Sexo e mistério, envolvendo tóxicos e contrabando na alta sociedade internacional. Cr\$ 140,00	144-SEXO, AMOR E VIDA Uma visão autêntica da vida, do ponto de vista médico, para auxiliar os jovens a identificar seus problemas e estímulos. Obra indispensável a rapazes e moças modernos e atualizados. Cr\$ 100,00
145-MANUAL DO NAMORADO O mais atual e completo guia para o namorado, em sua vida social, com modelos de cartas e declarações de amor, normas de conduta pessoal, etiqueta, bem-estar, comportamento em sociedade. Cr\$ 100,00	146-PEÇO A PALAVRA Textos e modelos de discursos para inaugurações, datas cívicas, homenagens, formaturas, festas escolares, batizados, aniversários, casamentos, sepultamentos, etc. Cr\$ 100,00	147-A CHAVE DE OURO DOS SONHOS E VISÕES Verdadeiro tesouro da Fortuna. Decifração dos sonhos, contendo todas as explicações ao alcance de qualquer pessoa. Contém o "Manual da Cartomante". Cr\$ 100,00	148-COMO ATRAIR DINHEIRO Orientações e conselhos para o leitor libertar as forças que existem dentro de si próprio, a partir da conquista da prosperidade e do sucesso. Cr\$ 100,00
149-OS MISTÉRIOS DA MAGIA Romance de fundo espírita, passado no Rio de Janeiro, no início do século. Relata ocorrências de Magia Branca e Magia Negra. Cr\$ 90,00	150-LIVRO DE ORAÇÕES DA CRUZ DE CARAVACA O maior repertório de orações a Nosso Senhor Jesus Cristo, a Nossa Senhora, aos Anjos e aos Santos, para quaisquer circunstâncias e finalidades. Cr\$ 100,00	151-OS RITUAIS SECRETOS DA MAGIA E DO CANDOMBLE uma séria pesquisa realizada pelo autor em documentos históricos e nas mais respeitáveis casas-de-santo da Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo, e nos mais autênticos terreiros de Quimbanda. Cr\$ 120,00	152-O LIVRO DO FEITICEIRO Fruto do trabalho de uma rigorosa pesquisa histórica, a presente obra é uma perfeita reconstituição das práticas de bruxaria e feitiçaria da Idade Média. Ilustrado com fotos de cerimônias. Cr\$ 100,00
153-AS RELAÇÕES SEXUAIS O leitor é orientado para o conhecimento perfeito do amor físico, suas leis e seus limites, com a finalidade da escolha feliz de uma esposa, ou de um marido. Cr\$ 120,00	154-A ARTE DE DESENHAR A MULHER NUA Método simples e prático de desenho, de grande ajuda para os estudantes de arte, desenhistas e ilustradores. Obra recomendada. Cr\$ 100,00	155-DANIELA Excitante romance de sexo, chantagem, prostituição e morte. Suspense total da primeira à última página. Cr\$ 160,00	156-CAÇA AO AMOR A difícil experiência de um casamento com um homossexual, relatada pela autora em toda sua realidade, e a sua louca ligação amorosa com um jovem ardoroso. Brilhante sucesso literário. Cr\$ 120,00

NOSSO LIVRO EDITORIAL LTDA

Rua da Conceição n.º 162 - Sobrado
Tel. 223-1598

CAIXA POSTAL N.º 3373

20.060 • Rio de Janeiro • RJ

DESEJO RECEBER OS VOLUMES ASSINALADOS

133	134	135	136
137	138	139	140
141	142	143	144
145	146	147	148
149	150	151	152
153	154	155	156

Preencha o
cupom de
forma legível

Nome _____
Endereço _____
Cidade _____
Estado _____ CEP _____

PL.BSP.CORINT.



um pênalti contra os cariocas. No gol estava Jaguaré que, ao saber que Grané ia cobrar a falta, chegou-se até ele e, caimbando, disse em voz alta:

— Olha aqui, seu mastodonte. Vou tirar o seu chutinho com um soco. Tá ouvindo?

Grané ajeita a bola, dá dois passos para a frente, Jaguaré levanta o braço, punho cerrado, e a bola sai como um foguete. Jaguaré deixa o braço na frente da bola e, quando acorda, está dentro do gol. Um médico entra em campo, constata fratura no seu braço e Jaguaré sai do campo direto para o hospital. Lá, visitado pelos dois times, mostra sua surpresa:

— Como é que deixam um homem desses jogar futebol, meu Deus do céu?

E só muito tempo depois, Jaguaré ficou sabendo que Grané era responsável por muitos dos 94 gols marcados pelo Corinthians no campeonato paulista de 1930, quando sagrou-se tricampeão. Os números estavam lá, e ninguém podia negá-los: 6 a 3 e 7 a 0, contra o América; 7 a 1 e 4 a 0, contra o Germânia; 3 a 2 e 5 a 1, contra o Guarani; 5 a 0, contra o Juventus; 3 a 1 e 3 a 1, contra a Portuguesa; 2 a 1, contra o São Paulo; 4 a 1 e 7 a 1, contra o São Bento; 2 a 0 e 5 a 2, contra o Santos; 4 a 2 e 5 a 3, contra o Sírio; 3 a 1, contra o Atlético Santista e 4 a 0 e 8 a 0, contra o Ipiranga. Empatou quatro vezes, perdeu duas e fez o Palestra Itália fugir de campo no jogo do primeiro turno.

Seis anos sem ganhar um título importante e, por coincidência, sem conseguir montar um outro grande time. A diretoria, embora rica, dava mais importância à parte social do clube, em franco desenvolvimento, até que chegou 1937 e, com ele, o primeiro dos três títulos ganhos um após o outro, somando o terceiro tricampeonato do Corinthians.

Era um campeonato difícil e, só na antepenúltima rodada, o Corinthians conseguiu chegar à ponta da tabela. Teleco, que esteve de fora por contusão, volta ao time e, aos 20 minutos do primeiro tempo, marca o único gol do jogo. O Palestra Itália reage, tenta insistentemente o empate, domina os 70 minutos restantes, mas tudo em vão.

Um novo empate contra o Juventus, e chega, finalmente, o dia da decisão,

contra o Estudante Paulista. Era 5 de dezembro de 1937, e o estádio estava lotado. Teleco não está muito bem, mas Filó está, marcando todos os gols da vitória de 3 a 0. É carregado em triunfo pelos próprios companheiros e, no dia seguinte, *A Gazeta* contava a vitória com destaque de primeira página:

“A melhor classe e a tática de jogo e a maior convicção de superioridade levam o Corinthians a infligir uma inapellável derrota ao Estudante por 3 a 0, tentos de Filó. Jahú foi o leão da defesa.”

E, para a torcida, além da vitória e do título, nascia mais um time inesquecível: José I, Jaú, Carlos; Jango, Brandão, Munhoz; Filó, Carlito, Teleco, Daniel e Carlinhos.

Um time que impunha respeito e que, no ano seguinte, melhor entrosado, ainda, e com ligeiras modificações, chegava invicto ao final do campeonato. Em 1938 começava a surgir o grande Servílio, conhecido como “o Bailarino”. E, já em 1941, no outro título, aparecia Dino, o Pavão. E, com ele, uma formidável variação. Ciro, Agostinho, Chico Preto; Jango, Brandão, Dino; Tite, Servílio, Teleco, Joane e Carlinhos (Milani).

José I, o “ungarês”, era perfeito na saída de gol. Tinha muito arrojo e ótimo golpe de vista. Sempre defendia pênaltis.

Jango era um relógio de absoluta regularidade. Não tinha atrasos, nem adiantamentos. Tampouco costumava parar. Dino, com sua elegância, fazia por merecer o apelido, chegando à Seleção Brasileira. E Brandão, cinco vezes campeão brasileiro, jogou várias vezes pela Seleção Brasileira, tendo sido um dos grandes destaques na Copa do Mundo de 1938, disputada em França.

Teleco era o rei da virada e Servílio valia uma cadeira numerada, mesmo se comprada das mãos dos cambistas. Era um espetáculo digno do Teatro Bolshoi.

Quantos times, em apenas 28 jogos, são capazes de chegar aos 103 gols? No mundo inteiro, num campeonato de verdade, bem poucos. E um time capaz de tal proeza não só tem que chegar aos títulos, como o Corinthians chegou em 1951, 52 e 54, como tem que passar para a história, louvado por uns e odiado por outros.

Quem não se lembra de Cabeção;

Murilo e Julião; Idário, Touguinha, Lorena; Cláudio, Luisinho, Baltazar, Jackson e Carbone? Só mesmo quem não sorriu ou não sofreu com o título de 1951.

E quem já se esqueceu desse outro, campeão do IV Centenário da Cidade de São Paulo? Gilmar; Homero e Alan; Idário, Goiano e Roberto; Cláudio, Luisinho, Baltazar, Carbone e Simão.

Era um senhor time e tinha, além dessa escalação mais comum, outros jogadores que entravam e saíam, sem comprometer seu nível. Gente como Cabeção, muitas vezes da seleção. Como Olavo, Rafael, Nonô e Clóvis.

De Gilmar nem se precisa falar. Bicampeão do mundo, está incluído entre os maiores goleiros do mundo de todos os tempos. Idário era só raça, raça pura, espanhol valente, e Roberto era técnica, acima de tudo. Cláudio, também da Seleção Brasileira, era o matemático, o calculista, o grande capitão. Seus centros eram dados sob medida e, quando Baltazar saltava, era gol quase certo. Baltazar foi um dos mais precisos cabeceadores do nosso futebol. E Luisinho, o “Pequeno Polegar”, completava, com irreverência de mestre, esse trio de ídolos. Pequeno, ágil, inteligente, irreverente, não perdia a oportunidade de passar a bola entre as pernas do adversário para, depois de desmoralizá-lo, tirar maior proveito. Luisinho era capaz de decidir jogos sem fazer gols, tarefa que deixava para Carbone e Baltazar.

De todos, só Gilmar deixou o Corinthians no melhor da sua forma. Alguns outros saíram mais tarde, mas já em fim de carreira, depois de terem dado o melhor para o time que ainda amam.

Depois desses anos de ouro, e desse grande time, muitos outros foram formados, mas nenhum para ficar gravado na memória. Até que, graças ao arrojo e decisão de um presidente apaixonado, disposto a dar ao torcedor corinthiano algo que já parecia impossível no atual estágio do futebol brasileiro: um time com sonoridade, um time capaz de se repetir de cor, sem tropeços. Como este: Jairo; Zé Maria, Amaral, Zé Eduardo, Vladimir; Taborda, Biro-biro; Vaguinho, Sócrates, Palhinha e Romeu.

PLACAR

1979

Março

D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S
						1	2	3	1	2	3	4	5
4	5	6	7	8	9	10	8	9	10	11	12	13	14
11	12	13	14	15	16	17	15	16	17	18	19	20	21
18	19	20	21	22	23	24	22	23	24	25	26	27	28
25	26	27	28	29	30	31	29	30					

Abril

Maio

D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S
						1	2	3	4	5	1	2	
6	7	8	9	10	11	12	3	4	5	6	7	8	9
13	14	15	16	17	18	19	10	11	12	13	14	15	16
20	21	22	23	24	25	26	17	18	19	20	21	22	23
27	28	29	30	31			24	25	26	27	28	29	30

Junho

Julho

D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S
						1	2	3	4	1	2	3	4
8	9	10	11	12	13	14	5	6	7	8	9	10	11
15	16	17	18	19	20	21	12	13	14	15	16	17	18
22	23	24	25	26	27	28	19	20	21	22	23	24	25
29	30	31					26	27	28	29	30	31	

Agosto

Setembro

D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S
						1							
2	3	4	5	6	7	8	7	8	9	10	11	12	13
9	10	11	12	13	14	15	14	15	16	17	18	19	20
16	17	18	19	20	21	22	21	22	23	24	25	26	27
28	29	30	31				28	29	30	31			

Outubro





FOTO ADHEMAR VENEZIANO

9 10 11 12 13 14 15 14 15 16 17 18 19 20
 16 17 18 19 20 21 22 21 22 23 24 25 26 27
 24 25 26 27 28 29 26 27 28 29 30 31

Novembro

D	S	T	Q	S	S	D	S	T	Q	S	S
4	5	6	7	8	9	10	1	2	3		
11	12	13	14	15	16	17	9	10	11	12	13
18	19	20	21	22	23	24	16	17	18	19	20
25	26	27	28	29	30		23/30	24/31	25	26	27

Dezembro

D	S	T	Q	S	S	D	S	T	Q	S	S
2	3	4	5	6	7	8	1				
9	10	11	12	13	14	15	2	3	4	5	6
16	17	18	19	20	21	22	9	10	11	12	13
23/30	24/31	25	26	27	28	29	16	17	18	19	20

TINTAS
WANDA
 MARCA REGISTRADA

45 anos

a qualidade que manda



...E O SANTOS VIROU FREGUÊS

Foram onze anos sem vitória. Depois da festiva noite de março de 68, porém, a história mudou. O Timão venceu oito e só perdeu quatro dos 22 jogos disputados pelo Campeonato Paulista. E desde 75 não sabe o que é perder para o Santos. É a vingança.



Flávio e Paulo Borges, os autores dos dois gols que sepultaram uma escrita maldita.

No meio da torcida que toma conta do estádio bem antes da bola começar a correr, entre gritos e bandeiras agitadas, uma faixa vai sendo desenrolada lentamente e chama a atenção de todos. É uma faixa grande, larga e, mais do que uma frase qualquer, o surgimento de uma nova ala de torcida, ou uma ofensa ao grande e respeitável adversário, ela traz uma verdadeira declaração de princípios: "A Fiel não está de luto; só os covardes acreditam na derrota".

Há onze anos, o Corinthians não consegue ganhar do Santos, seu adversário desta noite morna, seis de março de 1968. Há vinte e dois jogos, nunca esquecidos, escritos e repetidos sempre que um outro jogo se aproxima, o co-

rintiano, fiel e cada vez mais apaixonado, não sente o sabor alegre de uma vitória. Há muitos campeonatos, desde aquele empate de 3 a 3, em três de novembro de 1957, segunda partida do garoto Pelé contra o Corinthians, que o corintiano não consegue sorrir abertamente.

E nem por isso o medo é o sentimento mais presente. Ele existe, mas se mistura e é superado pela esperança que sempre renasce e cresce. Cresce tanto que a cidade, uma semana antes, já não falava em outra coisa.

— Vamos manter a escrita — garantia Pelé, fisingando mais um lambari na represa Billings. Eles vão correr, brigar, apertar nossa defesa e, no final, nós vamos lá e marcamos. É sempre assim.

Ao que Rivelino, o Garoto do Parque, perfeito herdeiro de Luisinho, o Pequeno Polegar, retrucava:

— Nada é eterno, nem essa história de *tabu*. Várias vezes estivemos para ganhar do Santos, e sinto que conseguiremos uma grande vitória. Dessas para ninguém esquecer em muitos séculos.

As emoções aumentavam com a aproximação do jogo. E, se o Santos não se importava com a ausência de Clodoaldo, para todos um grande desfalque, o Corinthians sentia aumentar suas chances com as novas contratações. Lula, tantos anos técnico do Santos, ia dirigir o time, pela primeira vez contra seus ex-jogadores, e a dupla Buião e Paulo Borges, sensações no Atlético Mineiro e no Bangu, além de Édson, um volante de alta categoria, prometiam ajudar muito a tornar aquela noite uma noite histórica.

— Amanhã será o dia da ressurreição da garra — repetia, tranquilo, o zagueiro Ditão.

Padeiros e fornecedores de frios tomavam conta do primeiro andar do Paqueta, tentando convencer o administrador, Alfredo Nunes, a lhes dar concessão para vender seus produtos, prevendo um consumo mínimo de 15 mil sanduíches; e o deputado Wadih Helu, presidente do Corinthians, animado com as possibilidades de vitória do seu time, fazia uma estranha aposta com outro deputado, o santista Esmeraldo Tarquínio.

— Se o Santos ganhar esse jogo, eu como grama do jardim da Assembléia.

— E eu me enrolo numa bandeira do Corinthians e vou a pé até o Parque São Jorge, se não mantivermos o *tabu* — respondia Esmeraldo.

Os jornais apertavam o cerco, aumentando o número de páginas que fa-

SEGUIE

NOPEITO E NA RAÇA



FOTOS ABRIL PRESS

Lula começou e acabou com o tabu.

lavam do jogo e, na ânsia de animar seu time, devolvendo-lhe a garra e aumentando o seu moral, um jornalista, declaradamente corinthiano, chegava a desmentir a existência do tal *tabu*:

— Tabu é algo que não se pode tocar, em que não se pode pôr a mão. E essa definição só pode ser aplicada com justeza a uma entidade: o Corinthians.

E um outro, aceitando o fato como verdadeiro, ia, pacientemente, revirar papéis velhos, em empoeirados arquivos, para descobrir que aquele *tabu* entre Santos e Corinthians não era, na verdade, o mais longo na história dos dois times.

— Se querem saber, o Santos ficou 16 anos sem ganhar do Corinthians. De 1935 a 1950.

Feitas as apostas e escondidos os dois times, Lula, supondo conhecer quase todos os segredos do time que ele ajudou a ser, numa certa época, o melhor do mundo, dedica-se a conversar e a treinar duro o goleiro Diogo, um gaúcho de 28 anos, comprado por apenas 15 mil cruzeiros novos, e em quem a torcida não confia muito. Os outros, Barbosinha e Alexandre, estão menos acreditados ainda, e a diretoria, pensando resolver o problema, já contratou Lula, do Náutico, do Recife, um goleiro ao nível da Seleção Brasileira, mas que só pode entrar no time na próxima semana.

— O Diogo — diz Lula — é um



Buião, Paulo Borges, Flávio, Rivelino e o saudoso Eduardo, a linha daquela noite.

bom goleiro. Seu único problema é soltar algumas bolas, mas já estamos conversando sobre isso e ele vai tomar todos os cuidados.

Os portões do Pacaembu só serão abertos às seis horas, mas às três da tarde, com torcedores chegando de todas as partes, já é grande o movimento na praça Charles Miller. Os vendedores de chapéus e bandeiras cobram quanto querem, de acordo com a ansiedade do torcedor, e os cambistas, que desde a véspera seguram todos os ingressos numerados, já pedem até 25 cruzeiros novos por uma cadeira que custa apenas dez.

A correria é grande quando os portões, finalmente, são abertos, mas não há brigas. O policiamento, a pedido dos clubes, foi bem reforçado, e a torcida santista, muito menor, se contenta com um canto das arquibancadas.

Já passa das 9:15 horas, os refletores há muito foram acesos, as bandeiras continuam balançando, sente-se que todo o estádio tem a respiração presa, quando, de repente, todos os fotógrafos e todos os repórteres que estão dentro do campo correm para os dois túneis que ligam os vestiários. O barulho é ensurdecedor e, quase ao mesmo tempo, Santos e Corinthians chegam ao meio de campo, saudando suas torcidas.

O Corinthians, calções e meias pretas, camisa preta com listras finas e gola branca, vem com Diogo, Osvaldo

Cunha, Ditão, Luís Carlos, Maciel; Édson, Rivelino; Buião, Paulo Borges, Flávio e Eduardo. O Santos, todo de branco, tem Cláudio; Carlos Alberto, Ramos Delgado, Joel, Rildo; Lima, Negreiros; Kaneko, Toninho, Pelé e Edu.

Os fotógrafos trocam cotoveladas, buscando os melhores ângulos para a tradicional pose com os times formados e, logo depois, correm para trás dos dois gols, querendo, outra vez, os melhores lugares. Na tribuna de imprensa, além dos bicôes que não encontraram lugar nas tribunas oficiais, a maior novidade são as caras novas, poetas, escritores e cronistas do cotidiano, destacados por seus jornais e revistas para escreverem sobre o que pode ser um jogo histórico.

Lula e Antoninho, este, técnico do Santos, já trocaram gentilezas, cada um sentando em um dos bancos colocados na lateral do campo, e o argentino Roberto Goicochea, depois de olhar para os dois bandeirinhas, autoriza o início do jogo.

São quase 9:30, o estádio cai em silêncio e, depois de alguns segundos, uma única voz, forte e já rouca, é ouvida, tentando fazer com que a fé seja mais forte do que o medo.

— Vai, Corinthians! É hoje ou nunca mais!

E o Corinthians vai inteiro, como sempre faz nesses últimos confrontos, tentando sufocar seu adversário, que-

rendo dominá-lo por completo, como um boxeur que leva seu adversário para um canto do ringue e não o deixa escapar. Buião passa por Rildo na primeira bola que lhe é lançada; Édson, logo em seguida, leva a melhor sobre Pelé. E Luís Carlos, aos três minutos, corta com precisão uma tabelinha ensaiada por Pelé e Toninho. A torcida gosta, sente que o time não está muito nervoso, mas Antoninho, sentado entre o massagista Macedo e o médico Ítalo Consentino, parece mais tranqüilo ainda, fumando seu primeiro cigarro e tirando baforadas bem mais suaves do que as que Lula, do outro lado, tira do seu terceiro cigarro.

O jogo é bom, mas o Corinthians, mantendo sempre um ritmo agressivo, parece mais perigoso do que seu adversário. A defesa do Santos não tem sossego, Ramos Delgado é obrigado a aliviar de qualquer jeito, e Antoninho, entrevistado por uma rádio, repete uma velha verdade, que faz os torcedores corinthianos, que o ouviam, sentirem uma gota de medo.

— Deixa eles, que o fogo logo passa. É só segurar mais um pouquinho que eles logo se perdem no desespero.

Já se passaram 20 minutos e o Corinthians não ataca com o mesmo ímpeto. Antoninho, parecendo acreditar nas suas profecias, relaxa-se no banco, mas Lula, parecendo conhecer o melhor modo de manter o Corinthians aceso, não pára de gritar. Seus gritos são mais para Édson, que não deve deixar Lima fazer qualquer lançamento, para Osvaldo Cunha, que não pode descuidar da marcação de Edu, e para Flávio, que já começa a ser vaiado por alguns torcedores mais nervosos.

— Flávio, desça para pegar a bola. Flávio, dê combate. Flávio, acorde. Acorde, Flávio.

Do time, Lula queria apenas o que a todos parecia impossível: fazer dois gols logo no primeiro tempo, para o Santos, assim, não conseguir tocar a bola, como sempre gostou.

Mas, apesar de jogar melhor, de criar várias oportunidades, e de colocar uma bola na trave, o Corinthians não consegue realizar o desejo de Lula. O primeiro tempo termina sem gols e ninguém consegue esconder o medo de que Pelé possa, no segundo tempo, desenrolar-se da marcação precisa que sofre por parte de Luís Carlos, até então o melhor

jogador em campo, e voltar a fazer das suas.

Na volta para o segundo tempo, os técnicos contam que pediram pouca coisa mais para seus times. Antoninho queria que Lima e Negreiros equilibrassem mais o meio-campo, vigiando os passos de Rivelino e lançando mais bolas para o ataque. E que Pelé não ficasse tão parado, mas procurasse tirar Luís Carlos da área, abrindo um corredor para Toninho entrar.

Lula apenas insistiu nas instruções dadas antes do jogo. O time todo devia lutar como se aquele fosse o último jogo da vida de cada um deles. Osvaldo Cunha devia soltar a bola de qualquer jeito, não bobeando com Edu. Paulo Borges e Flávio deviam trocar de posição constantemente, procurando confundir Ramos Delgado e Joel. E, finalmente, cada jogador da defesa, sempre que fosse possível, devia ser mais um atacante.

Começa o segundo tempo e, ao contrário do que os santistas pensavam, o Corinthians continua correndo, jogando certo e procurando os gols. Pelé continua bem amarrado por Luís Carlos, Edu não consegue vencer Osvaldo Cunha e Antoninho, ligando um cigarro ao outro, volta a sentar na ponta do banco, trocando de lugar com Macedo e gritando desesperadamente. É a vez de Lula fumar menos e se mostrar descontraindo, brincando com os reservas.

O primeiro gol está pintando e a torcida, como se sentisse o momento de abrir suas gargantas num grito de alegria, vai se levantando quando Rivelino, solto pela esquerda, arruma a bola como quer e chuta forte. A bola passa pelo goleiro Cláudio, mas bate na trave e sai.

O Corinthians se anima ainda mais e, dois minutos depois, aos 13, o mundo parece cair, abalado pelos gritos de gol e de *Corinthians! Corinthians!* Paulo Borges desce pela esquerda, tabela com Flávio, recebe na frente, confunde-se um pouco e, mesmo sem equilíbrio perfeito, de fora da área, chuta com o pé esquerdo, enganando o goleiro Cláudio.

O Corinthians vence, está perto da ressurreição, mas ainda faltam 30 minutos, tempo mais do que suficiente para o demônio Pelé acordar e fazer das suas. A tensão permanece, o Pacaembu parece infestado de vaga-lumes e o Santos gasta tudo o que tem para chegar

ao empate. Toninho chuta uma bola que passa raspando, logo em seguida, chuta outra na trave, e Antoninho tira Negreiros, colocando Oberdã na zaga, passando Joel para o meio-campo.

O jogo é lá e cá. Pedem para Rildo ir ao ataque, tentar chutar em gol, mas o barulho não o deixa ouvir as ordens do banco. O Corinthians parece não ter medo de uma reviravolta, ataca com insistência e, aos 31 minutos, novamente Rivelino começa a correr com a bola de área a área. O passe sai para Eduardo, um zagueiro rebate o centro, Rivelino recupera, tenta de novo, negaceia o corpo, a defesa abre, e Flávio está ali. Ele e a bola. O chute sai violento, em linha reta, e os gritos, risos e foguetes se misturam para comemorar o segundo gol.

É o fim de um *tabu* e o começo de uma longa fase de alegria. Natércio da Silva, um crioulo baixinho, pula o alambrado, agarra-se a Paulo Borges, querendo arrancar-lhe a camisa, e ninguém vê mais nada do que está acontecendo em campo. Nem mesmo Pelé ser agarrado dentro da área, por Luís Carlos. Nem mesmo o gordo Lula enxugar duas lágrimas que descem pelo seu rosto.

E poucos conseguem ouvir Goicochea apitar o final do jogo. Muitos só percebem quando Edu sai de campo correndo, levando debaixo do braço a bola do jogo, presente para um sargento corinthiano, do quartel onde serve o Exército.

Os jogadores que não são agarrados pelos torcedores que invadem o campo correm para o vestiário, Lula some no meio da multidão, e o criticado Flávio, chorando, repete sem parar:

— Ganhamos, ganhamos...

Pelé reconhece que o Corinthians jogou melhor, merecendo a vitória, Chico Mendes volta a distribuir charutos, e o carnaval, mais uma vez, ganha as ruas da cidade.

— Com Pelé e com Edu, nós quebramos o *tabu*...

As portas do ginásio do Parque São Jorge são abertas, alguns torcedores vão rezar na capela de São Judas Tadeu, mas poucos continuam correndo e gritando pela cidade, anunciando o dia da ressurreição. É preciso ir ver o *video tape*, curtir mil vezes aquela noite de glória. A noite em que Luís Carlos parou Pelé, acabando com o *tabu*. 



COM O TIMÃO

ATÉ NA LUA





FERNANDO PIMENTEL



A célebre invasão do Rio. Mais de 70 mil corinthianos fizeram do Maracanã um território alvinegro, como se 400 km nada fossem.

Os braços do velho Tan-tan (Francisco Piciocchi), filho de italianos, ainda ficam arrepiados quando ele encosta sua muleta, puxa uma cadeira, senta-se e começa a contar coisas da torcida corintiana — da qual ele é um dos mais fiéis representantes.

E quem pensa que essa fidelidade, esse amor às cores preta e branca, avivadas pelo vermelho da âncora, capaz de arrastar multidões, invadindo o Maracanã, sufocando com mais de 70 mil gargantas o grito de guerra da torcida do Fluminense, chegando ao Beira Rio, lá em Porto Alegre, ou fincando raízes no Recife, quase três mil quilômetros de distância; quem pensa que essa paixão religiosa começou aí, ou mesmo com a conquista do título de Campeão Paulista do IV Centenário de São Paulo, em 1954, engana-se redondamente.

Esse amor, que nasceu com a fundação do time, vem deixando marcas da sua força muito antes que essa geração que hoje enche estádios, quebrando recordes, pudesse entender o que é ter a graça de ser corintiano.

Como em 1933, por exemplo, no dia seguinte a uma goleada de 8 a 0 para o Palestra Itália. Vários jogadores do time campeão de 1932 tinham ido para a Itália e a diretoria, esquecendo-se de que o corintiano não vive do passado, pouco se preocupava em contratar outros craques que substituíssem, à altura, Rato, Tuffy, Guimarães, Grané, Del Debbio e Tatu.

— Sofremos muito com a derrota mas valeu a pena. A diretoria era rica, a parte social do clube ia muito bem, mas, como o futebol estava morrendo, decidimos tomar uma decisão considerada histórica. Formamos um bom gru-

po de torcedores e fomos para a sede, na rua José Bonifácio. Começamos a gritar contra a diretoria, a multidão foi se juntando, os bondes já não conseguiam passar por ali e, em pouco tempo tinha gente da rua Líbero Badaró à praça da Sé. Pegamos cabos de vassoura, fizemos buchas com pano velho, molhamos na gasolina e tocamos fogo na sede. Quando o fogo pegou para valer, os diretores começaram a sair pelas janelas como ratos fugindo do veneno.

No ano seguinte, o time já era bem melhor e três anos depois, em 1936, já voltava a disputar o título paulista.

Ou como naquele seis de janeiro de 1931, num jogo contra o Santos, na Vila Belmiro. O Corinthians precisava ganhar para continuar brigando pelo título e a torcida, mais uma vez, resolveu *invadir* o estádio para lhe dar o apoio de que necessitava.

SEGUE

PROMOVEL EMPRESTA 24.000, OU MAIS COM A MENOR TABELA DE FINANCIAMENTO

DINHEIRO

Promovel dá 24.000 ou mais.



- Você pagará a 1.ª parcela após 50 dias
- Crédito em 24 horas

24.000

PROMOVEL
Zogbi
Financeira



- Menor tabela de financiamento
- COMPRA
O QUE QUISER,
ONDE QUISER!

24.000

Comando

SÃO PAULO: Av. Brig. Faria Lima, 888 - 2º andar.
Rua São Bento, 283.

ARARAQUARA: Rua São Bento, 817.

CAMPINAS: Rua Francisco Glicério, 1326 -
2º andar - sala 21.

JUNDIAÍ: Praça Governador Pedro de Toledo, 24
2º andar - sala 27.

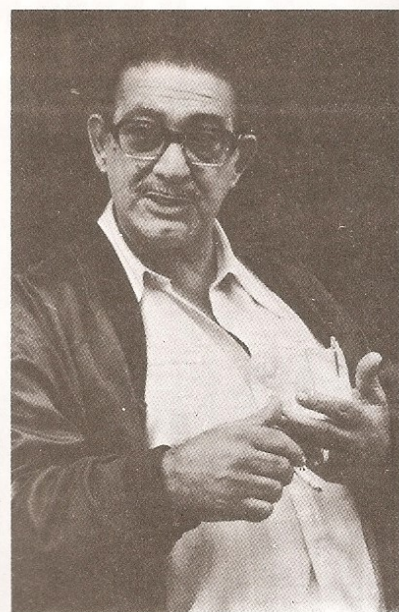


Depois da festa da vitória, o descanso do guerreiro.



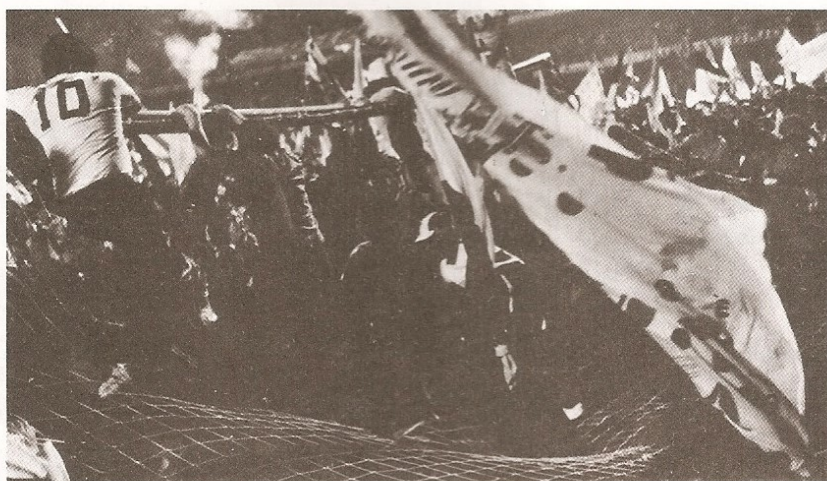
GERALDO GUIMARÃES

Chico Mendes, primeiro o Corinthians. O resto, ou até o casamento, depois.



JOSÉ PINTO

Francisco Piciocchi, o Tan-tan, a história viva da torcida.



PEDRO MARTINELLI

O Corinthians é campeão. A torcida invade o Morumbi à cata de seus troféus.

— Guardadas as proporções — conta Tan-tan — essa euforia de hoje é até brincadeira perto do que fizemos naquele domingo. Não existiam estradas boas, carro não era coisa para qualquer um, o dinheiro andava curto e ninguém fazia campanhas por rádio. Era tudo no peito e na raça, e lotamos oito composições do trem que saía da estação da Luz e do Brás. Cada uma das composições levava dez vagões e não tinha espaço para mais ninguém. O preço da passagem era três mil réis, ida e volta, e fazia um calor dos diabos. Coisa de 40 graus. As arquibancadas eram de madeira e estalavam como gravetos no fogo. Os bombeiros precisavam jogar muita água na torcida e na madeira, para que muita gente não morresse de insolação ou queimada num grande incêndio. O Santos marcou o primeiro, a

torcida começou a gritar e o primeiro tempo terminou 2 a 1. No segundo fizemos mais três e eles um. Com 5 a 2, invadimos o campo e a festa começou lá mesmo, terminando em São Paulo, já no dia seguinte. Pegamos o trem de volta e muitos torcedores vieram em cima dos vagões, sem camisa e cantando. A estação da Luz estava abarrotada de gente com rojões e bandeirolas. Acho que tinha mais gente do que tinha no aeroporto de Congonhas depois daquela decisão contra o Fluminense, no Rio de Janeiro, em 1976. A festa durou muitas horas e eu sei que muitos daqueles torcedores que voltaram em cima do trem morreram de pneumonia e de tuberculose, vítimas do vento e do calor das máquinas.

Mas, a torcida corintiana, que sempre soube jogar ao lado do seu time,

empurrando-o para as vitórias, brigando, sofrendo e comemorando suas conquistas, sempre mostrou que sabe, também, ser cortês e amiga.

Como aconteceu em 1938, numa final contra o São Paulo, no Parque São Jorge. Era domingo, o São Paulo vencia por 1 a 0, mas uma chuva torrencial obrigou a suspensão do jogo e sua transferência para o dia seguinte, uma segunda-feira de trabalho. Mesmo assim, as arquibancadas ficaram lotadas e, pela primeira vez, maciçamente, as fábricas da redondeza registraram centenas de faltas, sentindo o que era a torcida do Corinthians. Era um jogo difícil e, já no finzinho, Carlito subiu e marcou gol de empate, dando o título ao Corinthians. Os são-paulinos reclamaram que o gol foi feito com a mão e nenhum corintiano, até hoje, tem cora-



Amar é torcer juntos. Pelo Corinthians, bem entendido.



A praça, o estádio, o campo, a trave, a bandeira. Tudo é do povo.



O Timão entra em campo e vai, mais perto, saudar sua torcida.

gem de jurar que não foi. O juiz confirmou o gol e, quando terminou o jogo, começou uma grande briga entre torcedores. Alguns, desconhecidos do grupo que hoje corresponderia à torcida uniformizada, pegaram Porfírio da Paz — fundador do São Paulo, diretor e presidente — e insistiam em atolá-lo na lama que a chuva tinha deixado na beira do rio Tietê, mas aquele grupo organizado foi em sua defesa, formando um forte paredão entre os são-paulinos e os briguentos até tudo se acalmar. Serenados os ânimos, a torcida dançou na lama, cantando assim:

— É com o pé, é com a mão, o Corinthians é campeão...

Logo depois os comerciantes e as empresas de publicidade começaram a descobrir a força e a grandeza da torcida corintiana. E, entre os muitos anún-

cios publicados nos jornais, um dizia assim:

“Corinthianos. Fumem os cigarros Corinthians. Guardem a carteirinha vazia para a campanha do cimento do seu clube. Elas valem dinheiro. Maço: \$ 800 mil réis”.

Três anos depois, em 1941, outra viagem a Santos, para ajudar o time a chegar à vitória e ao título. Era preciso alugar nove composições da Estrada de Ferro Santos-Jundiaí e, mais uma vez, Tan-tan foi o encarregado para tratar do assunto. Ninguém tinha dinheiro, mas lá foi ele enfrentar Casemiro Costa, presidente da companhia.

— Mas sem pagamento antecipado eu não posso fazer nada — afirmou Casemiro Costa. Se vocês tiverem um bom fiador, ainda posso pensar no assunto.

— Não temos — respondeu Tan-tan. Mas eu lhe dou minha palavra. Em poucos dias estarei aqui com o dinheiro.

Casemiro olhou fixamente para Tan-tan e, depois de alguns segundos, deu o crédito que ele pedia.

— Cinco dias depois lá estava eu com todo o dinheiro dentro de uma sacola. Para cumprir o compromisso, tive que adiar, pela segunda vez, meu casamento. A primeira tinha sido porque a família da minha mulher insistia em marcá-lo para um dia em que o Corinthians ia jogar. Eu nunca perderia um jogo do meu time só para casar. Não, podendo fazê-lo em outro dia.

A vitória por 3 a 2 foi comemorada lá mesmo em Santos, sem que mais tarde alguém morresse tuberculoso.

Mas, em número, contam muitos, a maior caravana já formada por corin-

SEGUIE



LEMYR MARTINS



JOSÉ PINTO



De joelhos cumprindo a promessa por um título que os menores de 23 anos ainda não tinham visto. Ou no alambrado empurrando o time para mais uma vitória. Ou, ainda, passando por cima de tudo, como o banco do Morumbi, no dia da grande conquista. Tudo é Corinthians, é extravasamento de uma paixão incontida.

JOSÉ PINTO



tianos, antes da invasão do Maracanã, aconteceu em 1953, também para o Rio de Janeiro. Doze mil torcedores, aproximadamente, encontraram-se no Maracanã para ver o time perder para o Vasco, num jogo pelo Torneio Rio-São Paulo, gol de Chico, nos últimos minutos do segundo tempo.

Um gol como muitos dos que já fizeram a torcida corintiana deixar o estádio reclamando da sorte, da falta de um time melhor, de falhas do juiz, mas que nunca, de 1910 até agora, a fez perder sua fé, parar de crescer e de ir transformando todo esse amor numa sólida e contagiante religião.

Tan-tan é um nome, um homem, um torcedor apaixonado que chegou a diretor, que foi atleta, que já foi situação e oposição, sempre pensando na grandeza do clube e do time, mas existem

muitos outros como ele. Gente como o pianista Didi, um cego que dificilmente perde os jogos do time e que é capaz de acompanhar todos os lances apenas com a ajuda de um radinho de pilha.

Ou como a fantástica Elisa, tão ligada à história do Corinthians como a camisa preta e branca, suada, às vezes manchada de sangue, vive colada ao corpo dos onze heróis que ela aprendeu a chamar de filhos.

A crioula educada, simpática, querida por todas as torcidas, que nunca brincou de boneca e que desde menina, lá em Tietê, onde nasceu, escolheu o futebol, jogando num campinho defronte da sua casa, como seu divertimento predileto. A Elisa que aprendeu a gostar do Corinthians lá pelos idos de 1929 e que nunca, nem mesmo diante da proibição do marido, deixou de ver de perto

seu maior amor na vida. A Tia Elisa, de boca nua, sempre vestindo as cores do clube, sempre enrolada numa bandeira, capaz de, como muitos outros, mentir e guardar segredos por seu Corinthians.

Muitos, como Chico Mendes, por exemplo. Torcedor, diretor, corintiano, mosqueteiro. Mosqueteiro como poucos. Sempre intermediário entre as diversas facções que quase sempre tentam dividir o clube e assumir o poder. Sempre colocando o time acima de todos eles.

E Chico também, como Tan-tan, um dia colocou — pelo menos temporariamente — o amor pelo Corinthians acima do amor pela moça com quem ia casar-se.

Conheciam-se há pouco tempo e tinham um encontro marcado, mas al-



Na euforia da vitória de 77, o corintiano se ajoelha e beija o terreno por onde passaram os onze ídolos que lhe devolveram a alegria.

guém lembrou-se dele para uma missão considerada das mais importantes. O basquetebolista Édson Bispo dos Santos estava acertando sua transferência do Vasco da Gama para o Corinthians, mas o Palmeiras também o queria e ameaçava furar os entendimentos. Édson estava viajando para São Paulo e, para que ninguém do Palmeiras tentasse passar-lhe a conversa, era preciso evitar qualquer entendimento entre eles, antes de Édson assinar com o Corinthians.

Chico Mendes aceitou satisfeito a missão, esqueceu o encontro com a namorada, e praticamente dormiu na porta do hotel onde Édson ficou hospedado. Depois, sem poder contar detalhes da sua aventura, precisou da ajuda de amigos para reatar o namoro.

Chico, Elisa, Didi, Tan-tan, Antoni-

nho, Miltinho, Manoel, Celso, Sofia, são todos praticamente iguais. São corintianos. Gente capaz de achar que seu time é sempre o melhor. Gente incapaz de odiar, realmente, quem um dia foi seu ídolo, mesmo depois de crucificado, mesmo jogando com outra camisa. Gente capaz de invadir o Maracanã, de erguer uma bandeira no alto do Corcovado, de brigar para transformar o *gaúcho* — estátua erguida na entrada de Porto Alegre — em mais um marco corintiano. Gente capaz de transformar os 450 quilômetros da Via Dutra numa estreita avenida preta e branca. Gente capaz de ganhar o Recife apenas com o dinheiro da passagem de ida. Gente capaz de parar o trânsito na avenida Paulista e ali sambar até o sol raiar. Gente gente.

Gente capaz de se flagrar apertando

a garganta de um filho que ousou declarar que torcia para outro time. Gente capaz de esconder dos filhos menores as derrotas do time, mostrando-lhes apenas os video-teipes das vitórias.

Gente como aquela senhora, que declarou chamar-se Regina, e que encontrei numa noite de garoa paulista no meio da torcida que lotava o Pacaembu para ver o primeiro jogo da final do campeonato de 1974, contra o Palmeiras. Regina segurava nos braços um garoto de três meses de idade, totalmente desprotegido e ainda pagão.

Regina tinha uma idéia fixa e jurava levá-la adiante, custasse o que custasse.

— Ele não vai ficar doente, não. Porque corintiano não fica doente. E vou batizá-lo com o nome do jogador que marcar o gol que vai dar o título de campeão ao Corinthians.

MORANDO NO CORACÃO DO POVO

O que é ser ídolo do Corinthians? É ganhar um lugar na eternidade, já disse alguém. Mas como chegar a tanto, eis a questão. Realmente não é lá muito fácil mas, também, não é tão difícil como se possa imaginar. Basta ter muita raça, muita gana, muito coração, como Amílcar, Baltazar, Del Debbio, Teléco. Ou ser dono de apurada técnica, como Cláudio, Luizinho, Sócrates, Servílio e Tuffi. Ou, ainda, ser capaz de combinar as duas coisas, como Neco, Palhinha. É preciso também ter um pouco de sorte, mas nem isso é imprescindível, como prova bem o caso de Rivelino, um jogador que lutou durante dez anos atrás do título que só veio logo após a sua saída. Ser ídolo do Timão, enfim, é estar em estado de graça, é estar bem com o povo e, como se sabe, quem está bem com a massa está bem com Deus.



Ele nunca admitiu a idéia de perder. E, muito menos, a idéia de perder tranquilamente, de perder sem muita luta, de perder sem garra.

Corria os 90 minutos e jamais se importava com o placar do jogo. Uma goleada ou um resultado apertado, a favor ou contra, para ele era sempre a mesma coisa. Continuava brigando, lutando e gritando com os companheiros para marcarem mais gols.

Foi assim a vida inteira, desde 1919, quando começou nos times infantis e juvenis do Corinthians, ainda no campinho da rua José Paulino, até 1930, quando, já com os cabelos ralos, ainda corria pelos campos do Brasil, sempre defendendo a mesma camisa que amou e que o fez ídolo da maior torcida de São Paulo.

Na verdade só mudou em três oportunidades. Em 1915, quando o Corinthians, por não disputar o campeonato daquele ano, emprestou seu brilhante futebol ao Mackenzie College, e nas diversas vezes em que defendeu as seleções paulista e brasileira.

Mas, com a camisa preto e branca, com a tricolor ou com a amarelinha, Neco era sempre a mesma coisa. Sempre o mesmo jogador enérgico e decidido, brigando pela vitória.

Como naquele duro Campeonato Sul-Americano de 1919. Brasil e Uruguai chegaram ao jogo decisivo sem nenhuma derrota e o estádio do Fluminense, no Rio de Janeiro, enchado pelas chuvas que não paravam de cair, estava superlotado. O Brasil precisava ganhar, era sua primeira grande chance de se tornar campeão sul-americano de futebol, mas logo nos primeiros minutos sentiu que as coisas não lhe seriam tão fáceis assim. Gradim, excelente meia uruguaio, fez o primeiro gol e Hector Sanchez, em grande jogada individual, logo em seguida, completou 2 a 0.

Foi um golpe quase mortal. Os uruguaios já se consideravam tri-campeões e todos os jogadores brasileiros pareciam de cabeça baixa, sentindo-se perdidos e temendo uma goleada. Todos menos um: Manoel Nunes, Neco.

E ele, mais do que depressa, assumindo seu jeito de capitão, começou a gritar com os companheiros:



Manoel Nunes, o Neco, virou estátua no Parque São Jorge, uma homenagem da torcida.

— Vamos lutar. Não há de ser nada. Anda não estamos perdidos. Vamos colocar o coração no bico das nossas chuteiras. Vamos lá, só é preciso mais um pouco de amor.

Neco gritava mas não ficava apenas nos gritos. Pedia e dava o exemplo. Poucos minutos depois, em jogada individual, marcava o primeiro gol da Seleção Brasileira e no segundo tempo, em outra jogada inteiramente sua, empatava o jogo, forçando uma nova partida, quatro dias depois.

O governador decretou feriado e o estádio do Fluminense voltou a ficar superlotado. Era o grande tira-teima e novo empate, sem gols, ao final dos 90

minutos. Duas prorrogações de 30 minutos cada, e nada de gols. Os times voltam para a terceira prorrogação e Neco, logo aos três minutos, ajuda, mais uma vez, a decidir tudo. Apanha a bola no seu campo, passa por Vanzino, por Zibechi e por Foglino, chega à linha de fundo e centra para a cabeça de Heitor. O goleiro Saporiti defende, volta para Friedenreich, que acompanha a jogada, e ele, num leve toque, faz o gol. Brasil 1 a 0. E Brasil, pela primeira vez, Campeão Sul-Americano de Futebol.

No dia seguinte os jogadores paulistas foram carregados pelas ruas da cidade e Neco, depois de agradecer a to-

SEGUIR

OS GRANDES ÍDOLOS



FOTOS ABRIL PRESS

Amílcar Barbuy, o centro-médio mais famoso do futebol amador brasileiro.



Cláudio Cristóvão do Pinho fazia com os pés o que não se faz com as mãos.



Servílio de Jesus, o Bailarino, fez um gol de cabeça no São Paulo de fora da área.

dos, e de ter sido cumprimentado, pessoalmente, pelo governador Altino Arantes, teve que voltar a pé para sua casa, porque não tinha no bolso uma moeda de 200 réis.

Foi convidado por times argentinos e uruguaios e recusou uma proposta de 100 contos de réis, para transferir-se ao Fluminense.

— Jogo futebol por amor à bola e ao meu time. E quem joga por esses motivos, não muda de camisa nem aceita dinheiro.

Foi oito vezes campeão paulista pelo seu Corinthians, duas vezes campeão brasileiro e ganhou um busto nos jardins do Parque São Jorge, por onde, até bem pouco tempo, já velhinho, mas bastante lúcido, passeava, contando e ouvindo suas próprias histórias.

— Neco, é verdade que quando algum juiz começava a prejudicar o Corinthians, você tirava a cinta do calção e corria para cima dele?

E ele, sorridente e orgulhoso, eternamente ídolo, respondia a todos, muitas e muitas vezes.

— Bem, não foi exatamente assim. Umás três vezes cheguei a ameaçar tirar a cinta, mas nunca foi preciso ir até o fim. Os juízes logo me entendiam e tudo acabava bem.

Neco foi o grande ídolo da sua época, nunca superado por qualquer outro, mas, algumas vezes, teve ao seu lado outros grandes jogadores, verdadeiros ídolos daquela massa louca.

Jogadores como Del Debbio, até hoje um apaixonado pelas coisas do clube, capaz de freqüentar treinos e de carregar faixas contra a diretoria, quando ela faz contratações que ele considera erradas. Como Servílio de Jesus, pai, chamado com inteira justiça de o Bailarino. Como Teleco, o rei da virada, capaz de fazer gols das maneiras mais incríveis e um dos maiores artilheiros da história do clube, com 144 gols. Ou

ainda como o goleiro Tuffi, senhor da área, e de Maria, “um ponta muito inteligente, que não se limitava a ir até a linha de fundo e centrar para a área. Um ponta goleador”.

Mas de todos eles, talvez por seu estilo clássico, um verdadeiro regente de orquestra, foi Amílcar Barbuy quem melhor soube se colocar na galeria de ídolos do Corinthians, ao lado do lendário Neco.

Amílcar nasceu em Rio das Pedras, veio menino para São Paulo e em 1912, garoto ainda, já era o centroavante do time. Em 1914 já era o capitão e em 1917, depois de cinco anos marcando gols, foi ser centro-médio, tornando-se o mais famoso jogador da posição em todos os tempos, no futebol amador do Brasil.

Jogou nas seleções paulista e brasileira. E em 1925, depois de 13 anos de clube, por motivos particulares, deixou o Corinthians, indo jogar pelo Palestra



Luis Trujillo, Luisinho, o Pequeno Polegar, uma mistura de habilidade e molecagem que endoidecia seus marcadores. Aqui comemorando o fim de uma das muitas viradas que costumava comandar, no início da década de 50, contra o São Paulo, sua vítima preferida.

Itália. Foi, mas foi chorando. Como foram — e voltaram, alegres — os outros três grandes ídolos que, 20 anos depois, vieram tomar posse na galeria inaugurada por Neco.

E foram tão iguais, tão famosos, tão importantes para as conquistas do time que, por mais que possam valer individualmente — e valem muito — é impossível deixar de juntá-los, anunciando-os como “os Três Mosqueteiros”.

Um era o “gerente”, braço direito dos treinadores, técnico, estudioso, e capaz de colocar a bola onde queria, nos pés ou na cabeça de um companheiro, com a torcida sabendo que era meio gol certo. O outro era “O Pequeno Polegar”, miúdo, ágil, vivo, inteligente, atrevido, mordaz, capaz de sentar na bola para mais depressa vencer e desmoralizar seus adversários. E o terceiro era o “Cabecinha de Ouro”, oportunista, preciso, letreiro e música, terrível artilheiro, um dos maiores ca-

beceadores do Brasil, em todos os tempos. Um é Cláudio Cristóvão do Pinho, o outro é Luisinho, ou Luis Trujillo, e o terceiro é Baltazar, que ninguém vai se lembrar chamar-se Osvaldo Silva. Os três deliciaram a torcida com seus gols, tornaram-se ídolos, saíram quase tocados, quando não queriam sair, voltaram e nunca deixaram de amar e ser amados pelos torcedores. Afinal, é no Corinthians onde o ódio mais se aproxima do amor.

Cláudio era o cérebro do time, dentro e fora do campo. Era mais do que um capitão. E por causa dos seus gols, feitos em cobranças de faltas, sempre com precisão impressionante, quase impossível de ser evitados, centenas de garotos nascidos na década de 50 foram batizados com o seu nome, homenagens de pais corinthianos.

Era um profissional correto e cumpridor de suas obrigações. Treinava e jogava sério e, mesmo no final de car-

reira, nos últimos meses dos 12 anos que defendeu a camisa corintiana, podia ser visto na pequena garagem da sua casa, em Santos, brincando com uma pequena bola de tênis, controlando-a, chutando de direita e de esquerda, aprimorando seu futebol já primoroso.

Cláudio foi campeão paulista de 1951, 52 e 54. Ganhou a pequena Taça do Mundo, em Caracas, 1953, e os torneios Rio-São Paulo de 1951, 53 e 54. Quando parou, em 1958, foi técnico do time por alguns meses, mas foi dispensado, sem mesmo um pequeno agradecimento, quatro meses depois, no início de 1959, pouco antes de uma excursão do time à Europa.

Luisinho nasceu no Maria Zélia, um dos mais famosos clubes da várzea paulista, onde nasceram muitos outros craques, e foi criado no Corinthians. Infantis, juvenis, aspirantes, Luisinho passou por todas as categorias até chegar aos profissionais, em

SEGUIR

OS GRANDES ÍDOLOS



ABRIL PRESS

Teleco, um dos maiores artilheiros da história corintiana, era chamado de Rei das Viradas.



LEMYR MARTINS

Del Debbio, símbolo da raça alvinegra, acompanha até hoje o seu time e só reclama se os jogadores não estão dispostos a morrer em campo.

1949, quando foi lançado ao lado de Cláudio, na meia-direita.

No início era meia-esquerda, fazendo excelente dupla com Colombo, outra cria do Maria Zélia e muitos anos ponta-esquerda do Corinthians. Mas foi na direita, somando seu atrevimento com a inteligência e a garra de Cláudio, que Luisinho tornou-se um dos maiores jogadores do Brasil, chegou às seleções paulista e brasileira, e só não foi mais longe, disputando mundiais, porque a briga entre paulistas e cariocas, naquela época, era para valer.

Era pequeno, magrinho, enrolando o calção na cintura para não deixá-lo chegar aos joelhos, mas, ainda assim, marcou muitos gols de cabeça. Nunca evitou uma segunda finta e não raramente fazia sinais para os adversários, convidando-os para um duelo, no mano-a-mano, coisa que deliciava os torcedores corintianos. Fez assim com muitos dos seus marcadores, pratica-

mente todos, mas era contra o argentino Luiz Villa, centro-médio do Palmeiras, que Luisinho mais gostava de "brincar". Divertia-se passando a bola entre suas pernas e admirava-se com o cavalheirismo do argentino, que nunca trocou a bola que não achava, por suas pernas finas, mais fáceis de serem alcançadas.

Foi o jogador que mais vezes defendeu o Corinthians, tendo contado 589 jogos, mora perto do Parque São Jorge e, por mais que tentasse, nunca conseguiu odiar o time que, um dia, por já considerá-lo inútil, deu-lhe passe livre. Luisinho não se conformou, mas não parou para ficar reclamando da injustiça dos homens. Aceitou um convite do pequeno Juventus, defendeu a camisa avinhada por alguns anos e, em 1964, depois de provar que ainda era craque e ídolo da torcida corintiana, voltou, carregado e agradecido.

Jogou mais algum tempo, foi técnico

da escolinha, dirigiu o time principal e continua ídolo.

E quem nunca ouviu falar de Baltazar, o Cabecinha de Ouro? Aquele que um dia, com seus saltos sensacionais e com suas cabeçadas precisas, inspirou o compositor Alfredo Borba, corintiano ferrenho, a fazer uma marchinha carnavalesca, até hoje cantada nos bailes de Momo.

Gol de Baltazar/ Gol de Baltazar/ Pula o cabecinha/ um a zero no placar.

Baltazar começou no Jabaquara, de Santos, foi contratado pelo Corinthians e durante muitos anos foi chamado para as seleções paulista e brasileira. Pelo Corinthians, jogou 402 vezes e marcou 267 gols.

Estreou na Seleção Brasileira na Taça Osvaldo Cruz de 1950, foi campeão Pan-americano em 1952, e foi o responsável pela nossa classificação para o mundial de 1954, marcando 90% dos gols feitos nas eliminatórias.



LEMYR MARTINS

Baltazar, o Cabecinha de Ouro, foi um dos Três Mosqueteiros. Como técnico, em 72, montou um time que quase ganhou o Brasileiro.

SERVIÇO TÉCNICO PHILIPS. ESTE TIME SEMPRE GARANTE BOM RESULTADO.

O Serviço Técnico Philips tem 17 oficinas próprias espalhadas pelo Brasil.

Em todas elas você encontra os maiores craques em eletrônica, que atuam sob a supervisão direta da Philips.

E com uma tática infalível para garantir a qualidade dos consertos: o uso exclusivo de peças originais Philips.

O Serviço Técnico Philips não é o Campeonato Nacional mas tem equipes atuando no país inteiro.

RIO DE JANEIRO

São Cristóvão

Rua Almirante Baltazar, 281
Tels.: 248-9460 e 234-2030 (PABX)

Copacabana

Rua Ayres Saldanha, 92-A
Tels.: 256-1598/255-5633 e 237-2532

Madureira

Av. Automóvel Clube, 5.763
Tels.: 391-9107 e 391-9152

NITERÓI

Rua Visconde do Uruguai, 170
Lojas 3, 4 e 5 - Centro
Tels.: 718-4276 e 722-6707

SÃO PAULO

Lapa

Av. Ermano Marchetti, 612
Tels.: 261-5584/5707/7652/
261-4840

Pinheiros

Rua Pinheiros, 1.397
Tel.: 210-3415

SANTO ANDRÉ

Rua Cesário Mota, 363 - Centro
Tels.: 449-6721/6932

SANTOS

Praça dos Expedicionários, 19
Gonzaga
Tels.: 31-3662 e 31-3789

RIBEIRÃO PRETO

Rua Monsenhor Siqueira, 358/368
Campos Eliseos
Tels.: 34-2816/34-3309/34-4916

CAMPINAS

Av. Governador Pedro de Toledo, 1.139 - Bonfim
Tel.: 41-1347

BELO HORIZONTE

Rua Aquiles Lobo, 479 - Santa Teresa
Tels.: 226-5288 e 226-1244 (PABX)

RECIFE

Rua Gervásio Pires, 399 - Loja C
Boa Vista
Tel.: 231-3399

PORTO ALEGRE

Rua Hoffmann, 246 - Floresta
Tels.: 22-6221 e 22-6222 (PABX)

CURITIBA

Av. Sete de Setembro, 3.457/65
Bom Jesus
Tels.: 33-3011 (PABX) e 33-3061 - Direto

SALVADOR

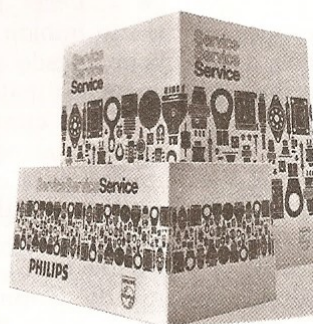
Av. da França, 263 - Comércio
Tels.: 242-6011/242-6787/
242-6587

BRASÍLIA

Av. W2 - Quadra 511 - Bloco A
Loja 36 - Plano Piloto
Tel.: 242-1044

BELÉM

Rua Ó de Almeida, 490 - Centro
Tels.: 223-5733/223-9763



Service
Service
Service

OS GRANDES ÍDOLOS



GERALDO GUIMARÃES

Roberto Rivelino, o Garoto do Parque, foi embora sem realizar o seu grande sonho. Deixou um confuso sentimento na alma do corintiano.

Era um jogador popular, que se identificava com a torcida, e chegou a ganhar um carro num concurso que procurava saber qual o jogador mais querido de São Paulo. Como Cláudio e Luizinho, também foi técnico do time em duas oportunidades.

O corintiano já esperava dez anos por um novo título paulista, amargando a falta de um novo ídolo, quando, de repente, uma pergunta começou a ser sussurrada e repetida pelas velhas arquibancadas do Parque São Jorge.

Você já viu aquele meia-esquerda jogar? Aquele ali, meio atarracado? Viu o que ele faz com aquela canhotinha?

— É mesmo. Ele parece bom mesmo. Quem é ele? De onde apareceu?

— Não sei bem, mas ouvi dizer que ele chama Maloca e que veio lá de Santo Amaro, depois de ser dispensado dos juvenis do Palmeiras. Eles não sabem o que mandaram embora. Eu sempre disse...

Era quase assim. Maloca era apenas um velho apelido de infância, que não vingaria no futebol. Rivelino, ou Roberto Rivelino, ficava melhor para quem, mais tarde, ia ser um dos maiores ídolos do time. E, na verdade, ele não tinha sido dispensado pelos juvenis do Palmeiras. Apenas tinha parado de aparecer para treinar, porque era muito inibido e porque não tinha sido bem tratado pelos mais velhos e por quem de direito.

Mas lá estava ele, cada vez mais chamando a atenção dos torcedores. E, dos treinos para os jogos preliminares, foi uma questão de meses. O Pacaembu começou a lotar mais cedo, com torcedores que queriam ver os jogos preliminares do Corinthians. Ou melhor, que queriam ver Rivelino, "aquele canhotinha bom de bola".

Menos de dois anos depois, aos 19 de idade, Rivelino já era atração no time principal. E com suas fintas milimétricas,

seu chute forte e bem colocado e com seu gênio forte, começava a nascer o "Garoto do Parque", o Reizinho, um novo Neco. Aquele sobre quem jogariam uma carga de responsabilidade muito grande, incapaz de ser inteiramente suportada por ele.

Mas não por falta de interesse. Talvez por falta de maior ajuda. Talvez porque os tempos fossem outros.

O certo é que Rivelino queria ganhar o título que não conseguiu, vestindo a camisa alvinegra, tanto quanto qualquer corintiano queria e esperava dele. Sofria com os jogos perdidos, emocionava-se quando tocavam no assunto, e não raras vezes chegava às lágrimas, confessando que trocaria todos os seus títulos, inclusive o de campeão mundial, no México, pelo único que lhe faltava: o título de campeão paulista pelo Corinthians.

— Mas só serve se for pelo Corinthians. Todo mundo tem uma coisa que



Palhinha e Sócrates, autores das mais sensacionais tabelinhas do atual futebol brasileiro, já têm lugar no coração alvinegro.

mais deseja na vida. Pois esse é o meu grande sonho.

Um sonho que Rivelino não conseguiu realizar. Depois de 10 anos de clube, no início de 1975, perdido o título paulista de 1974, com quase toda responsabilidade da derrota sendo entregue a ele, como se a distribuição das cotas fosse realmente justa, Rivelino — como Amílcar, Cláudio, Luizinho e Baltazar — foi mandado embora, vendido ao Fluminense do Rio.

Foi porque era necessário, porque o amor que a torcida lhe dedicava temporariamente tinha se transformado em ódio, mas nunca esqueceu o Corinthians, time que lhe deu a oportunidade de mostrar seu rico futebol e que o colocou na sua restrita galeria de ídolos. Não guardou mágoas, nem nunca se negou a estudar a possibilidade de voltar ao Parque São Jorge, sempre que o assunto, por qualquer razão, era levantado.

— Aprendi a ser corintiano e um dia ainda vou mostrar que sempre fui fanático pelo clube como qualquer torcedor. Entendia seus aplausos e suas vaias. Apenas não podia fazer mais do que já fazia. Um dia vão me ver misturado à torcida, vaiando ou aplaudindo, porque eu sou corintiano.

Alguns poucos dizem que depois daquela decisão de 1974, quando o Corinthians deixou escapar o título para o Palmeiras, Rivelino deixou de ser ídolo dos corintianos. Talvez.

Foi Rivelino, chegou Palhinha, um craque e um homem com tudo para ingressar na mesma galeria. Chegou carregado nos ombros da torcida, provou que sozinho era capaz de lotar o Pacaembu e dar ao time o ânimo que precisava para continuar lutando pelo título de campeão paulista, deu alguns passos pelos corredores da glória mas, num momento de dúvida, querendo voltar para Minas, parou todo o pro-

cesso de canonização. Não ficava bem eleger ídolo quem, mesmo tendo todas as outras condições, não tinha a principal: querer se perpetuar no clube.

Depois Palhinha mudou de idéia. E ganhou o companheiro ideal, aquele que lhe faltava, dentro e fora do campo. Tão bom de bola e tão ideal que, em poucos meses, e apenas com suas atitudes, com seus passes sensacionais e com seus gols decisivos, já vai se tornando o mais novo ídolo da torcida corintiana.

E, como ninguém acredita que esse processo possa ser interrompido, Sócrates será o jogador a mais rapidamente ingressar na galeria dos ídolos. E ele, e Palhinha, com suas tabelinhas, como terrores das defesas adversárias, na certa estarão esperando por mais um companheiro — será Biro-Biro? Será Taborda? — para, como Cláudio, Luizinho e Baltazar, reviverem os Três Mosqueteiros. ❀

**O TIME
DO FUTURO**

O FUTURO JÁ MO

No Corinthians nada é igual aos outros clubes. Seu time para a



FOTO JOSÉ PINTO

RA NO PARQUE

próxima década está lá, inteirinho, com pequenas modificações.



O TIME DO FUTURO



JOSÉ PINTO

Jairo (32 anos), Zé Maria (28), Taborda (21), Amaral (24), Zé Eduardo (23), Romeu (23), Vaguinho (28), Palhinha (28), Sócrates (23), Biro-Biro (19) e Vladimir (23 anos). Para os com mais de 28, pelo menos mais cinco anos pela frente. Para os outros, uma vida inteira.

Dizem que no Corinthians tudo é diferente. Mais difícil ou muito fácil; mais alegre ou muito triste; mais rico ou mais pobre. Dizem, e parecem ter um mar de razões.

No Corinthians, em termos de time, por exemplo, o futuro é o presente. Um presente em constante evolução, para não ser apanhado de surpresa. O time de hoje, com ligeiras modificações, é também o time de amanhã, para mais cinco ou sete anos. É só conferir:

Jairo, o mais velho de todos, tem 32 anos, idade na qual um goleiro que se cuida e que se dedica aos treinamentos, como ele faz, ainda está muito longe do fim. E Jairo pode, tranqüilamente, chegar aos 38 ou 40 anos, jogando no Corinthians. E, além dele, para o gol, lá estão os "irmãos coragem", Solito e So-

litinho. Solito já teve oportunidades de mostrar suas qualidades e Solitinho, ainda juvenil B, já foi convocado para a Seleção Brasileira de Jovens, que vai ao Uruguai.

Zé Maria, o segundo mais velho do time, tem 28 anos e, na certa, mais cinco anos de futebol. Para o seu lugar, quando for necessário, como aconteceu há pouco tempo, enquanto Zé Maria se recuperava de uma operação no joelho, lá está Luiz Cláudio. Luiz Cláudio é uma dessas coisas raras em futebol. Com apenas 17 anos e três meses no time juvenil, sem nunca ter jogado antes em outro time organizado, foi lançado no time de cima e deu conta do recado. Também está na Seleção Brasileira de Jovens.

Amaral vai completar 24 anos e,

por tudo que tem feito, principalmente como titular da Seleção Brasileira, dispensa maiores comentários. É um dos jogadores mais clássicos do nosso futebol e que, aos poucos, vai formando uma excelente dupla de área com Zé Eduardo, Mauro, um ex-juvenil, alto e elegante para jogar, é quase cópia fiel do famoso titular. Clássico, tranqüilo, observador, está sempre lá para qualquer eventualidade.

Zé Eduardo é, como Vladimir, mais um produto perfeito da escolinha de futebol. Joga sério, entra duro, mas sempre na bola. Há pouco tempo começou a ser marcado como jogador desleal, mas a marca já vai sumindo e ele já vai provando que nunca justificou a má fama. Como jogava ao lado de dois jogadores clássicos e atrás de um meio



Mauro e Vágner, um na defesa, o outro no meio. Amadurecendo.



Vaguinho entre Luiz Cláudio e Nobre, experiência e juventude.



O goleirão Jairo e seus dois alunos, Solitinho e Solito.

SEGUIE ▶

Aprenda Fotografia e cinema Super-8



Cursos por correspondência

Fotografia Camera

Um curso extremamente dinâmico escrito por especialistas no assunto. Uma obra atual com numerosos testes e centenas de fotos e desenhos.

Os nossos professores analisarão pessoalmente as suas fotos.

E tudo sem sair de casa. Dois volumes impressos a cores e branco e preto.

Super-8

Este curso, único no Brasil, está escrito numa linguagem simples e agradável. Você vai aprender todos os segredos de montagem, iluminação e os mais espetaculares truques cinematográficos. Sonorização e filmagem de títulos não serão mais nenhum mistério para você. Grande oferta de lançamento.

INSCRIÇÕES: NA NOSSA SEDE
R. AUREA, 65 - V. MARIANA - S. PAULO
OU PELO CORREIO.

GRATIS: ESCRVA-NOS AINDA HOJE
OU PREENCHA O CUPOM
ABAIXO E RECEBA GRATUITAMENTE
UM FOLHETO INFORMATIVO DOS
CURSOS CAMERA.

Nikon School



CAMERA PHOTOAGENTUR
CAIXA POSTAL 22260 - CEP 01000
SÃO PAULO - SP

Nome PL.ESP.CORINT
Endereço
Bairro N.º
Cidade CEP
Estado

O TIME DO FUTURO

de campo irregular, que não matava a jogada antes que ele chegasse às imediações da área, precisa, vez por outra, usar a falta como último recurso.

Mas agora não. Com Taborda à sua frente, funcionando como verdadeiro volante, dando sempre o primeiro combate, Zé Eduardo pode jogar seu verdadeiro futebol e mostrar que tem futebol para muitos anos, ainda. E Vladimir é outro de quem não se precisa falar muito. Seu futebol é regular e melhora a cada dia. Tem só 23 anos, como Zé Eduardo, e não só pode jogar muitos anos mais pelo Corinthians, como pode, em breve, voltar à própria Seleção Brasileira. Para a reserva de Zé Eduardo, em condições de ameaçar seu reinado, foi contratado Djalma, indicado por Biro-Biro, com quem jogava junto, no Sport do Recife. E para apertar Vladimir, não o deixando brincar em serviço, está Cláudio Mineiro, com 26 anos, desejado por alguns dos melhores clubes do Brasil.

Na frente dessa zaga que começa a se tornar perfeita, e impondo-se na zona do campo, o jogo começa a ser ganho ou perdido, está chegando o uruguaio Martín Taborda, mal saído dos 21 anos e com toda carreira pela frente.

Desde que Roberto Belangero parou, quase 20 anos atrás, que o Corinthians vem procurando um volante que seja completo. Um homem capaz de destruir as jogadas do ataque adversário e de dar, com isso, o sossego que a zaga precisa ter para bem cumprir o seu papel. Alguns, como Tião e Ruço, em algumas oportunidades chegaram a dar a impressão de que eram os jogadores certos, mas não se firmaram definitivamente. Coisa que Taborda, mesmo fora do estado físico ideal, já vem conseguindo. E, para se ter certeza disso, basta ouvir o que o técnico José Teixeira fala desse novo Obdúlio Varella.

— Ele vai ser o monstro sagrado do Corinthians. Vai ser uma sensação a partir do próximo turno.

Para seu reserva, o Corinthians tem Vágner, um ex-juvenil que também já mostrou boa parte do que sabe. Também está entre os relacionados por Mário Travaglini.

Para jogar ao lado de Taborda, o Corinthians tem Biro-Biro e Basílio, além de Ned, um baianinho que pode explodir em pouco tempo. Basílio está com 27 anos e vive uma excelente fase.

Pode jogar, pelo menos, mais cinco anos. E Biro-Biro, a grande revelação dos últimos tempos, ainda não completou 20 anos. É preciso dizer mais alguma coisa? Inteligente, versátil, surpreendeu a todos, ganhou a condição de titular mais cedo do que esperavam e caminha para ser um dos grandes ídolos do time.

Vaguinho já chegou aos 28 anos, mas passa pela melhor fase da sua carreira. Depois que se casou passou a levar uma vida mais tranquila, mais regrada e, como Zé Maria e Basílio, é jogador para mais quatro anos, no mínimo.

De qualquer forma, dentro da filosofia de ter sempre no time do presente o time do futuro, lá está Píter, com apenas 22 anos, fazendo sombra para o titular e pronto para entrar no time sempre que for preciso. Píter ainda não mostrou tudo que pode, mas ninguém tem dúvidas de que ele não perdeu aquele futebol vibrante mostrado contra a Seleção Brasileira.

Palhinha é outro na casa dos 28 e com mais cinco anos, pelo menos, para dar ao Corinthians. Principalmente agora que tem o doutor Sócrates ao seu lado. Palhinha já não tem aquelas preocupações que o fizeram pensar em voltar para Minas, acostumou-se à vida de São Paulo e promete encerrar sua carreira jogando pelo Corinthians.

E sobre Sócrates pouca coisa se pode acrescentar ao que ele mesmo está sempre repetindo.

— Eu não me decidi pelo futebol por brincadeira nem por vaidade. Deixei a medicina para mais tarde porque sinto e sei que tenho muito futebol para jogar. E, como fui contratado pelo Corinthians, onde me sinto muito bem, é aqui que pretendo encerrar minha carreira, dentro de mais uns oito anos.

Oito anos por baixo, porque Sócrates tem apenas 23. E oito anos dando, no presente e no futuro, todo esse futebol que está mostrando agora. Ou melhor ainda.

Além de Sócrates e Palhinha, o Corinthians já tem Rui Rei, um goleador que todos já conhecem, e Rubinho, outro ex-juvenil em fase de crescimento, treinando sempre entre os cobras, entrando algumas vezes e ganhando a experiência que vai precisar para substituir um dos titulares.

Para a ponta esquerda, além do titu-

lar Romeu, o Corinthians conta, ainda, com Play, garoto de 19 anos, irmão de Vaguinho, e com Wilsinho, atualmente no Juventus e já acertado para o campeonato de 1979. Romeu vai completar 28 anos, está na faixa ideal, sempre em boa forma, e Wilsinho, mais novo, tem 25 anos e o futebol agressivo que todos conhecem.

Mas, para a diretoria, mais importante ainda do que isso, do que saber que o time do presente já é, também, o time do futuro, são os planos de preencher, à altura do time atual, qualquer ponto falho que, por acaso, venha a surgir.

— Além, é claro, de continuarmos de olhos abertos sobre jogadores como Batista, Falcão, etc. Não precisamos deles agora, mas se surgir uma boa oportunidade, vamos a Porto Alegre e metemos um deles no avião.

E, paralelamente a essa política de contratar o craque certo para o lugar certo, sempre dando preferência a jogadores novos, com muitos anos de futebol pela frente, e que encaixe bem na filosofia de trabalho do técnico José Teixeira, o Corinthians continua cuidando, a seu modo, das divisões inferiores. O técnico Joaquim Félix trabalha todos os dias um bom grupo de garotos, de onde poderão sair outros como Luiz Cláudio, Mauro, Zé Eduardo, Vladimir, Rubinho, Nobre, Play, todos pratas da casa.

— Só não vamos fazer como em outros tempos, quando se gastava uma fortuna para manter uma concentração de garotos. Quem for corinthiano, o garoto que for bom de bola e desejar defender nosso time, é só aparecer no Parque São Jorge, inscrever-se, submeter-se aos testes e ficar no clube. Daremos a assistência que deve ser dada, mas não faremos loucuras — diz o presidente Vicente Matheus.

Os planos parecem perfeitos. O clube pretende construir seu grande estádio e, para isso, vai precisar de muito dinheiro. Como a melhor maneira que o Corinthians tem de arranjar muito dinheiro continua sendo através das rendas dos seus jogos, vai precisar manter sempre um grande time. Daí a atual política de grandes contratações, aceitando a velha idéia ditada por sua torcida.

— Compre craques que a torcida paga.



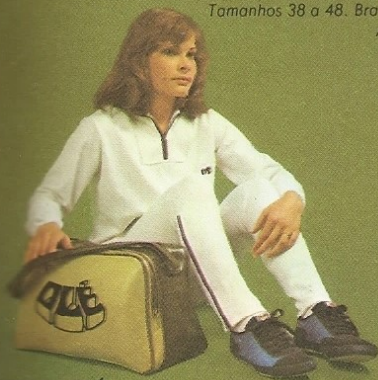
BOLTÉRMICO

A maleta que vale por duas.
Uma exclusividade da Vortex.

Conserva suas cervejinhas geladas por mais de 24 horas.
Bebidas quentes ou salgadinhos também se conservam ótimas na Boltermico, que pode ser usada ainda para transportar material esportivo.
Data de lançamento: apenas Cr\$ 689,00
Cores: azul, vermelha ou caramelo.

AGASALHO OLÉ

Quem que vira conjunto calça-blusão: quando você abre o zipper da calça, ela se transforma numa elegante calça esporte de boca larga.
Tamanhos 38 a 48. Branco, marinho ou café.
Apenas Cr\$ 671,00



MALETA OLÉ

Para carregar material esportivo ou para viagem. Dispositivo especial para tênis ou para toalhas molhadas.
Quem que beje. Apenas Cr\$ 439,00

O BRASIL PRECISA DE CRAQUES

A Vortex tem tudo de que você precisa para se tornar um atleta de sucesso!
Compre agora sem sair de casa. Faça seu pedido para a Vortex e dentro de alguns dias você estará recebendo seu material esportivo.
Mande o cupon ou escreva para a

Vortex - Promoções, Propaganda e Comércio Ltda.
Rua Antonio de Barros, 499 - fone 201-0755
Caixa postal 14507 - CEP 03632 São Paulo

Não mande dinheiro agora. Você só pagará quando retirar seu pacote no correio.

OLÉ VOLLEY 80

Super leve e resistente.
Solado de látex. Cr\$ 539,00

A melhor imagem
colorida em
tênis:
Olé 80

OLÉ QUADRA 80

Em napa natural,
macio e resistente.
Cr\$ 539,00



OLÉ STYLUS 80

Em napa natural.
Solado de látex,
antiderrapante. Cr\$ 539,00

GRÁTIS

Durante esta promoção, você recebe GRÁTIS uma fita cassete virgem para cada par de tênis Volley 80, Stylus 80 ou Quadra 80 que você comprar. Oferta apenas para estes três modelos. Aproveite!

OLÉ SHOW



O tênis mais vendido da Olé.
Super leve. Apenas Cr\$ 469,00

WEMBLEY 80



Uma chuteira extraordinária,
a preço de lançamento.
Apenas Cr\$ 397,00

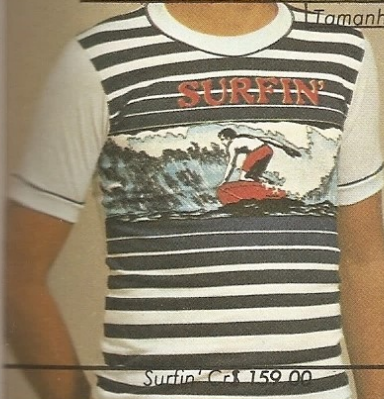
OLÉ BASKET



Aprovado pela
Federação Paulista de Basketball.
Somente Cr\$ 559,00

As camisetas que estão virando a cabeça de muita "fera"

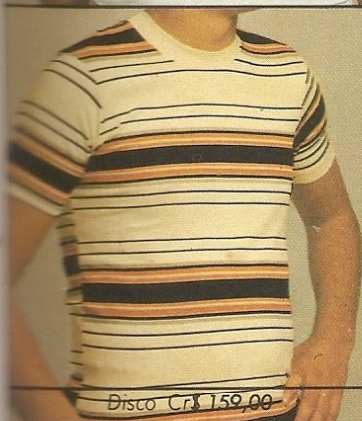
Tamanhos 40 a 48.



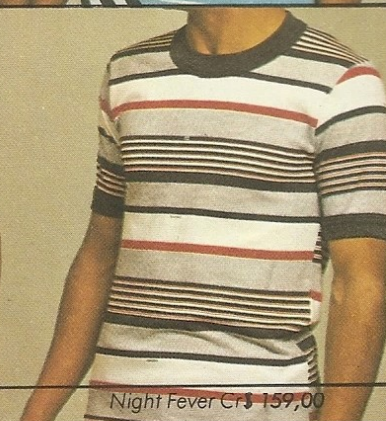
Surfin' Cr\$ 159,00



Sun Power Cr\$ 159,00



Disco Cr\$ 159,00



Night Fever Cr\$ 159,00

FILHO DE PEIXE, PEIXINHO É!

Faça de seu filho mais um torcedor do seu time!

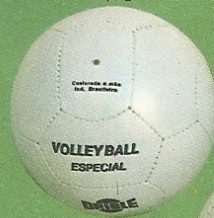
Tamanhos: 2, 4, 8 e 12 anos. Apenas Cr\$ 143,00

Internacional
Grêmio
Corinthians
Palmeiras,
Santos
São Paulo
Portuguesa Desp.
Flamengo
Fluminense
Botafogo RJ
Vasco
Atlético MG
Cruzeiro
Bahia
Santa Cruz
Seleção Brasileira



BOLAS DRIBLE

As mais usadas em jogos oficiais



Volley (oficial) Cr\$ 547,00



Futebol (oficial) Cr\$ 543,00



Futebol de salão (oficial)
Cr\$ 385,00



OLIMPICA

A bola está parada no campo. Em 90 minutos, despertou a paixão e alegria da torcida. Igualzinha a ela, milhares de outras bolas rolam por aí. Decidem títulos. Fazem campeões. Consagram craques. Lotam estádios.

A Olimpica orgulha-se muito disso. E não é para se orgulhar? Ela fabrica bolas há 40 anos.

OLIMPICA — 40 anos produzindo material esportivo.